

O IV CONGRESSO DO P.C.B.

— Demonstração Viva do Internacionalismo Proletário

AS MENSAGENS dos partidos irmãos de trinta e nove países de todas as partes do mundo ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil incorporam-se aos documentos da reunião histórica do supremo órgão dirigente do P.C.B. como expressão viva e militante do internacionalismo proletário.

A começar pela honrosa mensagem do sábio e glorioso Partido Comunista da União Soviética, estas manifestações de otimismo revolucionário, de firme e consequente solidariedade e de caloroso estímulo e confiança contribuíram para que o IV Congresso do P.C.B. constituísse uma alta demonstração de internacionalismo, extraordinariamente rica de ensinamentos e destinada a educar os homens e mulheres de vanguarda, a classe operária e as massas de milhões de brasileiros no espírito da fraternal e inquebrantável amizade de combate entre os povos na luta contra os mortais inimigos da paz, da liberdade, da independência e do progresso social.

Foi com alegria e emoção que nosso povo tomou conhecimento da vibrante saudação do valente e indomável Partido Comunista Português, que sintetizou em ardentes e vigorosas palavras os objetivos comuns da inquebrantável unidade de combate de nossos povos irmãos na luta contra o inimigo comum.

As camarilhas dominantes no Brasil e em Portugal, igualmente a serviço dos odiados colonizadores e incendiários de guerra lanques, tudo fazem para utilizar uma profunda e secular amizade em benefício de seus criminosos objetivos de entrega de nossos países à voracidade dos imperialistas norte-americanos e para arrastar brasileiros e portugueses à mais ignominiosa de todas as guerras. Acaba de ser ratificado pela assembleia salazarista um pretenso tratado de amizade e consulta, criando a «Comunidade Luso-Brasileira».

De acordo com esse tratado, os dois governos submissos à política de guerra de Wall Street, se comprometem a se consultarem sobre todas as questões internacionais de interesse comum. A sangrenta ditadura fascista de Salazar incluiu Portugal no agressivo Pacto do Atlântico, abriu as portas do território português aos militaristas americanos para a construção de bases estratégicas, transforma as possessões portuguesas em bastiões da agressão aos povos. O território de Goa, cuja população anseia por incorporar-se à Índia, é destinado pelos belicistas do Pacto do Atlântico a servir de ponte de apoio aos americanos para as intrigas e provocações destinadas a violar a paz na Ásia. É a essa política, que desrespeita clinicamente a vontade e pisoteia os interesses dos povos brasileiro e português, que serve o tratado luso-brasileiro. O rótulo de «amizade e consulta» destina-se unicamente a destacar mais um acordo da tela de pactos e tratados de guerra urdidos pelos canibais de Wall Street.

A candente mensagem do Partido Comunista Português ao IV Congresso do P.C.B. denuncia a chamada Comunidade Luso-Brasileira como um tratado de guerra integrado na rede de tratados agressivos fomentados e impostos pelos círculos governantes dos Estados Unidos e, por isso mesmo, representam mais um perigo para a paz.

Os imperialistas americanos utilizam as posições que têm em Portugal para desencadear a propaganda chauvinista, do nacionalismo burguês e da guerra entre os milhares de portugueses que vivem no Brasil. Pretendem utilizar esse tratado de guerra para fazer dos portugueses que trabalham no Brasil um sustentáculo da despótica ditadura fascista de Salazar.

Assim, aos tradicionais vínculos de amizade entre nossos dois povos a realidade acrescenta um novo e grave motivo de comunhão de esforços patrióticos na luta comum contra os governos de traição nacional. A luta do povo português contra o banditismo salazarista é uma ajuda preciosa à causa da libertação do povo brasileiro. A luta do povo brasileiro pela derrubada do governo de traição nacional de Café Filho reforça a causa da libertação do povo português. A luta comum de nossos dois povos irmãos, em que «devem estreitar-se cada vez mais os laços de solidariedade dos trabalhadores brasileiros e portugueses», representa uma contribuição à vitória da grande causa de toda a humanidade — a manutenção e preservação da paz.

A bela mensagem do invencível Partido de Alvaro Cunhal, as mensagens dos Partidos Comunistas e Operários ao IV Congresso do P.C.B. formam um hino ao internacionalismo proletário. Os partidos marxistas-leninistas, invariavelmente fiéis ao grande Partido de Lênin e Stálin, exprimiram mais uma vez a inviolável comunidade de interesses dos proletários de todos os países que representam e defendem os interesses de paz, independência dos seus povos e os interesses de toda a humanidade.

Para o povo brasileiro é motivo de alegria e orgulho o fato de que o Congresso de seu Partido de vanguarda se constituísse em tão luminosa demonstração de internacionalismo proletário.

MENSAGEM DE LUIZ CARLOS PRESTES AO XI CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA BÉLGICA

LUIZ CARLOS PRESTES, em nome do C.C. do P.C.B., enviou a seguinte mensagem ao XI Congresso do P.C. da Bélgica:

AVENUE STALINGRAD, 18-20
BRUXELLES — BELGIQUE

QUERIDOS CAMARADAS:

Enviámos ao Partido Comunista da Bélgica as mais calorosas saudações por motivo do seu XI Congresso.

Acompanhamos com satisfação os esforços que realiza em defesa da paz, da independência nacional e por uma vida livre e feliz para o povo belga. A luta em que vos empenhais contra os imperialistas norte-americanos que ameaçam a independência de vossa pátria é uma valiosa contribuição à causa das forças do campo da paz, a cuja frente se encontra a gloriosa União Soviética.

Formulamos os melhores votos pelo êxito dos trabalhos do XI Congresso certos de que as resoluções que serão tomadas constituirão poderoso impulso para o fortalecimento do Partido Comunista da Bélgica. Viva o XI Congresso do Partido Comunista da Bélgica!

Pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil
LUIZ CARLOS PRESTES

VOZ OPERÁRIA

N. 291 ★ RIO DE JANEIRO, 11-12-1954



O IV Congresso do P.C.B., numa alegoria do pintor Chlau Devezza

Neste Número:

AGITAÇÃO E PROPAGANDA PARA MILHÕES, FATOR DECISIVO PARA A VITÓRIA DO PROGRAMA DO PARTIDO

Maurício Grabois

(Intervenção no IV Congresso) — página 3

O PROGRAMA DO PARTIDO, AS EXPERIÊNCIAS DAS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO E AS NOSSAS TAREFAS PARA A CAMPANHA ELEITORAL DE 1955

Carlos Marighella

(Intervenção no IV Congresso) — página 5

O PROGRAMA DO PARTIDO E A LUTA PELA PAZ

Cid Ramos

(Intervenção no IV Congresso) — página 10

Do Partido Comunista Português

Com a mais profunda emoção que o Comitê Central do Partido Comunista Português envia a sua calorosa e fraternal saudação ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil. Uma saudação do fundo do coração enviam os comunistas portugueses ao dirigente amado do proletariado e do povo brasileiro e grande amigo do povo português, Luiz Carlos Prestes.

Queremos aproveitar este momento histórico na vida do Partido Comunista do Brasil para, por intermédio dos delegados ao seu IV Congresso, saudar a valente classe operária do Brasil, todos os trabalhadores, todo o povo laborioso do grande país irmão, que tão abnegadamente vem lutando pela paz, pela democracia e pela independência nacional. Queremos aproveitar ainda a realização da mais alta reunião dos comunistas brasileiros para, em nome dos comunistas, da classe operária e de todos os trabalhadores de Portugal, vos dizer que temos na mais alta consideração a grande ajuda que o Partido Comunista do Brasil e o povo brasileiro lhes têm prestado na luta difícil que travam contra a camarilha fascista de Salazar, pela paz, pela democracia e pela independência nacional e, em particular, no que se refere à luta pela libertação do seu querido dirigente, Alvaro Cunhal, cuja vida continua a correr perigo na tenebrosa penitenciária de Lisboa.

Nós, comunistas portugueses, que nos últimos 28 longos anos temos lutado em defesa dos interesses sagrados do povo e da pátria portuguesas nas condições da mais feioz ilegalidade fascista, apreciamos na devida conta a audácia política, sim, audácia política, do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil ao tomar a decisão de realizar o IV Congresso do seu Partido sob as condições da mais estreita clandestinidade.

Os comunistas portugueses, todos os verdadeiros democratas e patriotas de Portugal, seguem com a mais viva admiração e respeito a luta que o Partido Comunista da pátria irmã conduz à frente do povo brasileiro pela paz, pela defesa da soberania e independência nacionais, pelo progresso e bem-estar do povo do Brasil.

A ação dirigente do Partido

DO PARTIDO COMUNISTA PORTO-RIQUENHO

Ao IV Congresso do P.C.B.

Caros camaradas: Ao enséjo da realização do vosso IV Congresso, saudamos calorosamente o Partido Comunista do Brasil e o povo brasileiro.

É no momento em que o imperialismo norte-americano recrudescer suas tentativas de esmagar a luta dos povos pela independência nacional, procura deflagrar uma nova guerra mundial e intensifica a exploração do povo trabalhador que se reúne o vosso Congresso.

É precisamente agora que se torna necessário conseguir a unificação de todas as forças democráticas e patrióticas do povo brasileiro, como coloca vossa convocação do Congresso.

Não temos dúvida — e assim o desejamos — que o IV Congresso constituirá um grande êxito para a causa da paz, da democracia e da independência nacional.

O revigoramento das forças

Ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil

Comunista do Brasil pela defesa da paz, por uma verdadeira democracia, pela libertação do Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos, é uma garantia segura da realização vitoriosa do



Alvaro Cunhal

seu IV Congresso. Para bem do povo brasileiro e da paz assim sucederá.

Os problemas que o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil vai debater revelam a maturidade política, orgânica e ideológica do Partido. A discussão sobre o Programa e a modificação dos Estatutos do Partido é de uma enorme importância para o desenvolvimento futuro da unidade das forças democráticas e patrióticas do Brasil na sua luta pela paz, pela independência nacional e pela instauração de um governo verdadeiramente democrático no Brasil. O Programa do Partido Comunista do Brasil será um farol a indicar ao povo brasileiro o caminho seguro para a sua plena libertação.

Sob a direção do glorioso Partido Comunista do Brasil, a classe operária e o povo brasileiro lutarão com sucesso pelos seus interesses vitais, pelas liberdades democráticas, contra a escravização do seu país pelos bandidos imperialistas norte-americanos. Sob a direção do Partido Comunista do Brasil, a classe operária e o povo brasileiro acabarão, mais cedo ou mais tarde, por expulsar da sua pátria os imperialistas ianques e por conquistar a verdadeira democracia.

Por ocasião do IV Congresso de vosso Partido, o Partido Comunistas do Brasil, desejamos exprimir-vos nossa fraternal simpatia e nossos votos de grande êxito em vossa luta.

O Partido Suíço do Trabalho e os trabalhadores progressistas da Suíça acompanham com admiração a luta corajosa que, sob a direção do grande Luiz Carlos Prestes, conhecido entre nós como o Cavaleiro da Esperança, sustenta contra a ditadura e contra o imperialismo norte-americano.

Sentimo-nos felizes em saber que, a despeito das condições de dura ilegalidade em que trabalhais, podeis contudo reunir o vosso Congresso. Vemos nisso uma prova magnífica da força de vosso Partido e da confiança que nele depositam as massas populares do Brasil.

Interessa a todos os povos a luta de cada povo por sua independência nacional, contra o imperialismo dos Estados Unidos que visa à dominação mundial, contra os fautores de guerra americanos. Manifestamos nossa solidariedade por vossa luta, certos que estamos de que as vossas vitórias são também as nossas, e que os nossos esforços pela paz e o progresso social em nosso país debilitam também os vossos inimigos, fortalecendo a nossa grande causa comum que é a causa da paz, da liberdade e do bem-estar de todos os povos.

Com este fraternal espírito de simpatia e solidariedade é que vos dirigimos, caros camaradas, a vós e ao vosso bravo povo brasileiro, as nossas mais calorosas saudações.

JUAN SANTOS RIVERA
Presidente

Pág. 2 — VOZ OPERÁRIA — Rio, 11-12-54

As camarilhas governantes de Portugal e do Brasil, agindo ambas servilmente sob o comando direto dos imperialistas norte-americanos, desenvolvem uma intensa atividade contra os nossos dois povos e a paz mundial. A criação da chamada Comunidade Luso-Brasileira não é mais do que um tratado de guerra integrado na rede de tratados agressivos fomentados e impostos pelos círculos governantes dos Estados Unidos, e, por isso mesmo, representa mais um perigo para a paz.

Na luta comum contra o imperialismo norte-americano, inimigo principal da independência dos nossos países e da causa sagrada da paz, devem estreitar-se cada vez mais os laços de solidariedade dos trabalhadores brasileiros e portugueses.

Para bem dos povos brasileiro e português pensamos, queridos camaradas, que os Partidos Comunistas do Brasil e de Portugal devem estreitar cada vez mais as suas relações, trocar periodicamente as suas experiências para assim melhor poderem dirigir a luta naqueles aspectos em que ela é comum e contra um inimigo comum. Pensamos que não devemos poupar forças para realizar na prática esta tarefa.

No Brasil vivem e trabalham muitas centenas de milhares de portugueses. Entre esses portugueses os agentes do governo fascista de Salazar, com o apoio franco e aberto dos círculos governantes do Brasil, levam a cabo uma intensa propaganda chauvinista e guerreira e, portanto, contrária aos interesses dos povos do Brasil e de Portugal e da paz mundial. A ação provocadora coordenada dos agentes salazaristas e de certos círculos governantes brasileiros em relação com os acontecimentos das colônias portuguesas

na Índia, são disso uma flagrante comprovação.

Para bem dos povos do Brasil e de Portugal e da paz mundial, pensamos, queridos camaradas, ser necessário fazermos tudo quanto em nossas forças caiba para contrabater a ação nefasta das camarilhas reacionárias governantes dos nossos países entre as centenas de milhares de portugueses que vivem e trabalham na grande pátria irmã.

Queridos camaradas brasileiros, o Comitê Central do Partido Comunista Português deseja-vos novos e maiores sucessos na luta pela defesa da independência nacional e dos interesses sagrados das massas trabalhadoras, na organização da unidade de ação da classe operária e da união de todas as forças democráticas e patrióticas do Brasil.

O Comitê Central do Partido Comunista Português deseja ao Partido Comunista do Brasil novos e maiores sucessos no seu trabalho pelo reforçamento das suas fileiras, pela elevação constante do nível político e teórico dos seus membros, e na luta pela paz, pela democracia e o socialismo. Continuando a empunhar com mãos firmes a gloriosa bandeira de Marx, Engels, Lênin e Stálin o Partido Comunista do Brasil marchará avante para novas vitórias.

Viva o Partido Comunista do Brasil, destacamento de vanguarda da classe operária brasileira e de todos os trabalhadores do Brasil!

Viva a amizade entre os povos do Brasil e de Portugal!

Viva o dirigente amado do povo brasileiro e grande amigo do povo português, Luiz Carlos Prestes!

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



Do Partido Suíço do Trabalho AO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Caros camaradas:

Por ocasião do IV Congresso de vosso Partido, o Partido Comunistas do Brasil, desejamos exprimir-vos nossa fraternal simpatia e nossos votos de grande êxito em vossa luta.

O Partido Suíço do Trabalho e os trabalhadores progressistas da Suíça acompanham com admiração a luta corajosa que, sob a direção do grande Luiz Carlos Prestes, conhecido entre nós como o Cavaleiro da Esperança, sustenta contra a ditadura e contra o imperialismo norte-americano.

Sentimo-nos felizes em saber que, a despeito das condições de dura ilegalidade em que trabalhais, podeis contudo reunir o vosso Congresso. Vemos nisso uma prova magnífica da força de vosso Partido e da confiança que nele depositam as massas populares do Brasil.

Interessa a todos os povos a luta de cada povo por sua independência nacional, contra o imperialismo dos Estados Unidos que visa à dominação mundial, contra os fautores de guerra americanos. Manifestamos nossa solidariedade por vossa luta, certos que estamos de que as vossas vitórias são também as nossas, e que os nossos esforços pela paz e o progresso social em nosso país debilitam também os vossos inimigos, fortalecendo a nossa grande causa comum que é a causa da paz, da liberdade e do bem-estar de todos os povos.

Com este fraternal espírito de simpatia e solidariedade é que vos dirigimos, caros camaradas, a vós e ao vosso bravo povo brasileiro, as nossas mais calorosas saudações.

O BUREAU POLITICO DO PARTIDO SUICO DO TRABALHO

Do Partido Comunista da Grécia

Ao IV Congresso do P.C.B.

Em nome do Partido Comunista da Grécia e do povo democrático e amante da paz da Grécia, enviamos uma calorosa saudação fraternal ao IV Congresso do vosso Partido.

O Partido Comunista da Grécia e o povo democrático da Grécia seguem com atenção a dura luta em que está empenhado o povo brasileiro, sob a liderança da classe operária de seu país. A luta do povo brasileiro pela paz, pela democracia e pela independência nacional, sob a direção do Partido Comunista do Brasil, fará fracassar os planos dos imperialistas norte-americanos e destruirá o poder dos latifundiários e grandes capitalistas e seu instrumento — a ditadura de Café Filho.

Vivendo nas condições difíceis da ocupação norte-americana e do sangrento terror do governo de Papagos — o caso norte-americano — que converte nosso país numa base estratégica para as aventuras de guerra e que o ameaça exterminar com a bomba atômica, o povo grego segue lutando pela elevação do bem-estar dos trabalhadores, pela paz, pela democracia e pela independência nacional.

Em sua luta contra as sinistras forças reacionárias imperialistas, os povos do Brasil e da Grécia encontram a energia e a confiança na vitória, na luta do poderoso campo da paz e do socialismo que marcha de vitória em vitória, encabeçado pela União Soviética.

Desejamos ao IV Congresso e ao Partido Comunista do Brasil novos êxitos na luta pela paz, pela democracia e pela independência nacional.

VIVA O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL!

VIVA A AMIZADE ENTRE OS POVOS DO BRASIL E DA GRÉCIA!

VIVA A GRANDE UNIAO SOVIÉTICA E O PARTIDO COMUNISTA DA UNIAO SOVIÉTICA — BALUARTE DA PAZ EM TODO O MUNDO!
O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA GRÉCIA.



Do Partido Comunista da Venezuela AO IV CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

É com profunda e sincera cordialidade revolucionária que, em nome do Partido Comunista da Venezuela, da classe operária e do povo de nosso país, saudamos o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, seus provados e combativos quadros dirigentes e seu grande líder, camarada Luiz Carlos Prestes, o legendário Cavaleiro da Esperança.

Em meio às imensas dificuldades de nossa luta, dentro da mais dura clandestinidade, acompanhamos com grande interesse a marcha dos cuidadosos trabalhos preparatórios que antecederam este transcendental acontecimento, nos quais realizastes meritosos esforços para aplicar os ensinamentos do leninismo-stalinismo à justa estruturação e fortalecimento da vanguarda libertadora de vossa grande nação. Haveis feito esforços para a educação do Partido no sentido de uma acertada aplicação do método revolucionário da crítica e da autocritica, cuja honestidade, audácia e amplitude, ao analisar o Programa-Manifesto de 1950, constituem segura indicação de fecundos resultados para as futuras lutas da classe operária e do povo brasileiro; esforços dirigidos a indicar o inimigo principal — o imperialismo ianque — isolá-lo e concentrar contra ele o fogo conjunto dos possíveis aliados, os permanentes e os circunstanciais; esforços que são — ninguém deve duvidar — um ensinamento precioso e útil que haverá de alcançar evidente repercussão continental.

Para o Partido Comunista da Venezuela, o vosso IV Congresso — de acordo com os materiais que temos lido e estudado cuidadosamente — tem uma vasta significação doutrinária e prática. Apesar de nossa vizinhança geográfica, lamentávamos, no passado, a falta de comunicação e o distanciamento entre nossos povos e nossas organizações co-irmãs. Entretanto, na



Jesus Faría

atualidade, embora em pequena escala, vimos superando essa situação, e esperamos que o histórico IV Congresso de vosso Partido seja um ponto de partida para uma mais estreita aproximação.

O fato de lutar em meio a uma furiosa perseguição e de enfrentar o mesmo inimigo — que na Venezuela é mais absorvente e agressivo — o imperialismo ianque colonizador de nossos países nos impõe o dever de uma mais estreita ligação nos esforços libertadores de ambos os povos.

Desejamos ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil os maiores êxitos em suas deliberações, convencidos de que suas resoluções terão uma influência decisiva na união das forças democráticas e patrióticas do povo brasileiro, à cuja frente se encontra a classe operária, e contribuirão para fortalecer a luta pela libertação do Brasil do jugo dos imperialistas norte-americanos; fomentadores de guerra e inimigos da cultura e do progresso da humanidade.

Pelo COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA VENEZUELA: Santos Yormes

o p
lanç
real
que
fado
impr
Oper
diári
pres
insul
exec

popu
parti
Fede
leúdo
ção d
cação
ment
Paulo
pres
sua v
comar
diário
No R
realiz
sido p
diário
Minas
nais d
atravé
mingo
massa
lar», n
exemp
mente

Ma
ganda
nar vit
quantid
fizes, l
cios, p
Program
desejar
milhões
nos ope

Agitação e Propaganda Para Milhões, Fator Decisivo Para a Vitória do Programa do Partido

CAMARADAS DELEGADOS FRATERNAS,

CAMARADAS DELEGADOS,

MAURÍCIO GRABOIS

(Intervenção no IV Congresso)

Em seu Informe ao IV Congresso, o camarada Prestes arma os membros do Partido para lutar com êxito pelos objetivos do Programa, traça com clareza as tarefas para derrotar as forças reacionárias internas e o opressor imperialista norte-americano. Diz o camarada Prestes: «Na atual situação, ampliar e melhorar a propaganda e a agitação política do Partido é uma questão decisiva para o próprio Partido.»

Como estamos enfrentando essa questão decisiva?

Com o lançamento do Programa, a nossa agitação e propaganda ganhou novo estímulo, cresceu em volume e melhorou em qualidade. O Programa foi editado e difundido em massa através dos jornais da imprensa popular, de folhetos, volantes e palestras e de vários órgãos da imprensa que não estão sob a nossa influência. Nenhum documento do Partido foi tão popularizado e debatido entre o povo como o Programa. Atinge a quase 4 milhões o número de exemplares do Programa até agora editados e divulgados em todo o país. Mais de vinte jornais que representam as mais diferentes forças e correntes políticas, entre os quais se incluem alguns órgãos de imprensa de grande circulação, reproduziram em suas páginas o Programa do Partido.

Inúmeras iniciativas, muitas delas novas e criadoras, surgiram no trabalho de agitação e propaganda após o lançamento do Programa. São milhões e milhões de volantes e boletins com trechos do Programa, são os cartazes e as pinturas sobre o Programa, são as cartas endereçadas a milhares de pessoas apresentando o Programa. Em vários Estados, estações de rádio do interior e serviços de alto-falantes irradiam partes do Programa. Debates, conferências, palestras e sabinas sobre o Programa foram realizados em grande número entre amplas massas das cidades e do campo. Comandos nas grandes cidades e no interior foram realizados, com visitas de casa em casa para divulgar e explicar o Programa. Na Região de Piratininga, em todas as empresas de mais de 500 operários, o Programa foi distribuído e discutido com plena aceitação da massa. Camaradas do interior do Ceará debateram o Programa com mais de 2 mil camponeses, percorrendo fazenda por fazenda. Numa assembleia da Associação de Camponeses de Nova Fátima, no norte do Paraná, o Programa foi lido para 800 camponeses. O Comitê de Empresa da Prefeitura do Distrito Federal enviou aos funcionários, pelo correio, exemplares do Programa e, posteriormente, controlou o seu recebimento, colhendo as impressões causadas e entabulando discussão sobre as diversas questões suscitadas pelo Programa. Experiência interessante no debate do Programa foi a polémica travada entre o «Jornal do Povo», de Belo Horizonte, e o jornal do padre da cidade de Diamantina — acontecimento que despertou grande interesse e determinou que o Programa prendesse vivamente a atenção do povo durante várias semanas.

O trabalho de agitação e propaganda concorre, assim, para aumentar a repercussão que o Programa está alcançando entre as mais variadas camadas da população e no país inteiro.

No trabalho de agitação e propaganda do Programa, o papel mais destacado coube à imprensa popular. Após o lançamento do Programa, os jornais da imprensa popular realizaram importante avanço. Em diversos Estados, jornais que estavam sem circulação voltaram novamente a ser editados e em outros Estados foram criados novos órgãos de imprensa. Hoje, a imprensa popular é constituída pela «Voz Operária», por cinco periódicos de caráter nacional, por sete diários, doze semanários e inúmeros pequenos jornais de empresa e de setor profissional. Esta rede de jornais é uma arma insubstituível na propaganda do Programa e na luta pela execução das tarefas que o Partido enfrenta.

Com a publicação do Programa do Partido, a imprensa popular vem revelando alguns progressos. Isto diz respeito, particularmente, à «Voz Operária» e aos diários do Distrito Federal e de São Paulo. Embora lentamente, melhora o conteúdo e a apresentação gráfica, bem como aumenta a circulação da maioria dos jornais da imprensa popular. Com a publicação do Programa, a «Voz Operária» teve sua tiragem aumentada em cerca de 80%, sendo que, na capital de São Paulo, a sua circulação cresceu em 5 vezes. O diário «Imprensa Popular», que circula no Distrito Federal, aumentou sua vendagem em 100%, sem incluir as vendas através de comandos realizados aos domingos. Em São Paulo, o «Hoje», diário de massas, teve também acrescida a sua circulação. No Rio Grande do Sul, o órgão diário da imprensa popular realizou sensíveis progressos. O jornal da Bahia, que tinha sido profundamente golpeado pela reação, voltou a circular diariamente e a sua tiragem foi duplicada. O semanário de Minas Gerais foi transformado em diário. A difusão dos jornais da imprensa popular tem aumentado com a sua venda através dos comandos realizados organizadamente aos domingos. Isto contribuiu para torná-los mais conhecidos das massas. Basta citar o fato de comandos da «Imprensa Popular», no Rio, distribuírem, em um domingo, três vezes mais exemplares do jornal do que a quantidade vendida normalmente nas bancas.

Mas, os êxitos obtidos na frente de agitação e propaganda são poucos em relação às exigências da luta para tornar vitorioso o Programa. Ainda não satisfazem, tanto em quantidade como em qualidade, os volantes, boletins, cartazes, faixas e pinturas. É insuficiente o número de comícios, palestras, conferências e sabinas públicas sobre o Programa, e os oradores e conferencistas deixam muito a desejar. Não fazemos uma agitação e propaganda para milhões de brasileiros. Não nos dirigimos especificamente aos operários, aos camponeses, às mulheres, aos jovens, a

cada camada social que pode integrar a frente-única antifeudal e antiimperialista. Nossos folhetos e volantes, na maioria das vezes, são dirigidos a todos os patriotas indistintamente, sem falar das reivindicações particulares de cada camada da população.

Mesmo no terreno da difusão do Programa, estamos atrasados. Não há um só Comitê Regional que tenha superado as cotas de publicação do Programa fixadas pelo Comitê Central no Plano Lenin. O trabalho de divulgação e popularização do Programa ainda não obedece a uma planificação detalhada e permanente, com a determinação das datas e lugares das empresas, fazendas, bairros e ruas que devem ser atingidos. A edição de cerca de 4 milhões de exemplares do Programa é insuficiente para um país como o Brasil, com uma população de 57 milhões de habitantes. Como esclarecer as massas do Rio Grande do Norte e dirigir suas lutas se, naquele Estado, o Comitê Regional só distribuiu cerca de mil exemplares do Programa? Como conquistar os 6 mil mineiros de Morro Velho para as posições políticas do Partido se ali, até agora, foi difundido apenas um milhão de folhetos com o Programa? Não nos podemos contentar com as irrisórias edições do Comitê Regional de Pernambuco, de 75 mil exemplares, para uma população de 3 milhões e 400 mil pessoas. Tampouco satisfaz o trabalho do Comitê Regional do Rio Grande do Sul, com a publicação de 550 mil exemplares, para serem distribuídos entre uma população de cerca de 5 milhões de habitantes.

Temos perdido inúmeras e boas oportunidades para falar ao povo. Por exemplo, não soubemos aproveitar suficientemente, apesar do muito que fizemos, os acontecimentos de 24 e 25 de agosto, quando o povo na rua se mostrava indignado com o imperialismo ianque, para denunciar a decomposição do atual regime e apontar às massas as nossas soluções, as medidas que se incluem no Programa do Partido. Mesmo no curso da campanha eleitoral, não trabalhamos, como era necessário e preciso, entre as diversas camadas do povo com o Programa, explicando-o mais claramente nos comícios, nos comandos e nas palestras. Nossa agitação e propaganda cuida frequentemente da «alta política» sem contato com a realidade local, sem partir dos problemas da vida cotidiana que mais preocupam as massas. Vejamos um exemplo bastante expressivo: a corrupção dos governantes e os escândalos que caracterizam o atual regime. É uma questão que desperta o maior interesse do povo. Durante a campanha eleitoral a imoralidade que viceja nos círculos políticos das classes dominantes veio à tona. Enquanto políticos venais, declarados agentes dos monopólios norte-americanos, demagógicamente, levantavam a luta contra a corrupção e, assim, ludibriavam as massas, nós, comunistas, que somos inatacáveis e de reconhecida honradez, não fomos suficientemente capazes, no momento oportuno, de desmascarar as roubalheiras e negociações, de revelar a lama em que chafurda o regime de latifundiários e grandes capitalistas.

É reduzido o nosso trabalho de agitação e propaganda dirigido às massas de analfabetos que constituem a maioria das camadas sociais que precisamos conquistar. Daí a nossa pouca utilização do rádio, do cinema, dos discos, etc., para divulgar e esclarecer o Programa.

Ainda falamos uma linguagem pouco acessível às massas. Usamos em certos casos, as frases feitas e decoradas que constituem a gíria partidária. Este linguajar é uma manifestação sectária, uma vez que sendo incompreensível para o povo dele nos isola.

No trabalho de imprensa, temos a assinalar inúmeras debilidades. Os jornais da imprensa popular avançam lentamente no esclarecimento e educação política do povo. Não explicamos suficientemente nos jornais da imprensa popular o Programa, nem orientamos com segurança o debate público em torno desse documento básico do Partido. As entrevistas, os artigos de esclarecimento, os fatos vivos para a comprovação das teses do Programa, freqüentemente aparecem nos jornais da imprensa popular sem continuidade e sem relevo. As respostas às perguntas dirigidas às redações, de um modo geral, são ainda superficiais e sobre questões de detalhe. Muitos jornais da imprensa popular deixaram desaparecer as seções sobre o Programa e outros se limitam a reproduzir as respostas publicadas na «Voz Operária». Algumas respostas às perguntas dos leitores são incompletas e muitas outras não trazem os dados para comprovar as teses defendidas.

Pouco utilizamos na imprensa um meio tão poderoso de esclarecimento e educação do povo como a polémica. Não respondemos com persistência às teses da imprensa a serviço do imperialismo americano que procura justificar a submissão do país aos monopólios dos Estados Unidos. Há, ainda, vacilações na defesa das nossas posições e das reivindicações das classes e camadas sociais que são chamadas a integrar a frente democrática de libertação nacional. Embora tenhamos dado alguns passos no que se refere à defesa dos direitos e reivindicações da classe operária, não abordamos com a devida profundidade as questões relacionadas com os interesses da pequena burguesia urbana, da intelectualidade e da burguesia nacional. Os problemas das massas camponesas estiveram ausentes durante um longo período nos jornais da imprensa popular, e ainda hoje subestimamos os assuntos referentes ao trabalho no campo. Assim, não contribuímos na medida do necessário, para impulsionar a organização da frente única antifeudal e antiimperialista. Nota-se ainda nos jornais da imprensa popular pouca vivacidade e falta de combatividade. Os jornais não refletem inteiramente o descontentamento cada vez maior das massas com relação à

política do atual governo. Reagimos lentamente face aos acontecimentos e nem sempre respondemos na ocasião oportuna, e de maneira justa, aos fatos que se sucedem no cenário político. Isto porque os nossos jornalistas ainda não assimilaram de todo o Programa. Em algumas ocasiões os jornais da imprensa popular caem no objetivismo burguês e se deixam influenciar pela imprensa burguesa, pelo seu sensacionalismo, o que significa, na prática, capitular diante da pressão ideológica das classes dominantes e do imperialismo norte-americano. Outro fator que dificulta a melhoria e a expansão dos jornais da imprensa popular é a sua linguagem pouco compreensível ao povo. Embora depois da apresentação do Programa, tenhamos progredido na maneira de redigir e apresentar as matérias, muitas vezes escrevemos como se os jornais da imprensa popular se destinassem unicamente aos comunistas e simpatizantes e não aos milhões de brasileiros. Os jornais da imprensa popular, via de regra, são pouco noticiosos, o que prejudica sua penetração nas amplas massas.

As debilidades apontadas repercutem negativamente na circulação dos jornais da imprensa popular. Apesar do número de jornais da imprensa popular não ser pequeno, as suas tiragens são reduzidas se comparadas com as necessidades da luta pela vitória do Programa. O ritmo de crescimento da circulação dos jornais da imprensa popular é vagaroso. Controlando o número de exemplares que atinge a circulação dos diários e semanários da imprensa popular em cada Estado e município com o número de seus habitantes, a conclusão a tirar é que eles alcançam somente os comunistas e os homens mais avançados.

As deficiências da imprensa popular estão inteiramente ligadas à nossa subestimação em relação aos jornais. Não orientamos de modo persistente os diários ou periódicos. As redações passam meses sem controle e assistência. É geral o descaso. Pouco se discute a situação da imprensa e não se tomam as medidas necessárias para superar as suas falhas. Satisfazemo-nos com as pequenas tiragens, quando é perfeitamente possível multiplicar por muitas vezes a circulação dos jornais da imprensa popular.

Em face das exigências do trabalho de popularização e esclarecimento do Programa, a agitação e propaganda em todos os seus aspectos tem que sofrer uma profunda reviravolta. Em nossa agitação e propaganda é preciso colocar em primeiro plano os problemas básicos do Programa e as atuais tarefas políticas traçadas no Informe do camarada Prestes. Defender a paz, não dar tréguas ao imperialismo norte-americano, desmascarar o governo de latifundiários e grandes capitalistas que realizam no Brasil a política dos monopólios dos Estados Unidos. Manter uma posição unitária procurando atrair todos os que podem marchar conosco, por um ponto do Programa que seja, na luta contra o inimigo comum. Aos jornais da imprensa popular cumpre popularizar ainda mais as realizações da União Soviética, da República Popular da China e dos países de democracia popular.

Ampliemos os nossos horizontes e pensem na agitação e propaganda em termos de milhões. Para continuarmos com mais intensidade a batalha para transformar o Programa do Partido em programa de todo o povo, cabe-nos editar e divulgar milhões de exemplares do Programa, para que todo patriota receba um exemplar do Programa. É indispensável organizar cuidadosamente a distribuição do Programa entre as massas, levar o Programa de fábrica em fábrica, de fazenda em fazenda, de vila em vila, de casa em casa. Especial atenção deve merecer a confecção de milhões de volantes, cartazes, pinturas murais, etc., capazes de atrair a atenção das massas para o Programa.

A popularização do Programa exige a intensificação de debates, mesas-redondas, conferências, comícios, etc. Para isso, cabe-nos organizar grupos de agitadores e propagandistas com elementos capazes de explicar o Programa ao povo, cada dia e cada hora, em linguagem clara e simples, com argumentos convincentes.

Uma importante exigência da luta pelo Programa é a de intensificar a agitação e propaganda entre as massas de analfabetos. Neste sentido é necessário desenvolver a agitação oral e fazer todos os esforços para utilizar ao máximo as estações de rádio e os serviços de alto-falantes existentes no país, bem como gravar discos com partes do Programa e textos sobre as tarefas que enfrentamos.

Simultaneamente, é preciso acelerar o nosso trabalho editorial, tendo em vista melhorar a propaganda. Aumentar o ritmo de publicação das obras dos clássicos do marxismo, terminando no menor prazo a publicação das «Obras Escolhidas» de Lênin e das «Obras» de Stálin. Nos próximos planos editoriais, precisamos incluir estudos sobre a realidade brasileira.

Pensamos ser dever irrecusável de todos os Comitês Regionais ajudar as organizações de base a elaborarem seus planos de popularização e esclarecimento do Programa entre as massas. Isto significa difundir o Programa aos milhões e levantar as suas tarefas, tendo em conta que as questões políticas mais candentes e as reivindicações mais sentidas das massas devem estar ligadas de maneira viva ao Programa.

No que se refere ao trabalho com a imprensa popular, precisamos melhorar o conteúdo de todos os jornais. A imprensa popular precisa ser o melhor veículo de divulgação e esclarecimento do Programa e expressar fielmente as nossas tarefas atuais.

O semanário «Voz Operária» necessita elevar rapidamente seu nível. Precisamos melhorar a qualidade das matérias editoriais e tornar a «Voz Operária» em um poderoso instrumento de educação dos comunistas e das massas, que faça, sem interrupção, a propaganda do marxismo-leninismo.

Um persistente combate deve ser travado para ligar ainda mais a imprensa popular às grandes massas. Os jornais, prin-

(Conclui na página seguinte)

AGITAÇÃO E PROPAGANDA PARA MILHOES, FATOR DECISIVO PARA A VITÓRIA

DO PROGRAMA DO PARTIDO

(Conclusão da página anterior)

Apesar dos diários, precisam ser bastante informativos, tratar dos problemas que interessam as mais diversas setores da população, levantar com vigor as reivindicações da classe operária e das massas populares. Com urgência, necessitamos criar amplas redes de correspondentes dos jornais da imprensa popular, capazes de estabelecer uma viva ligação entre os jornais e as massas e de levar ao conhecimento das redações os fatos que ocorrem nas fábricas, fazendas e vilas, bairros e em todos os locais de trabalho.

Particular atenção estão a merecer os pequenos jornais de empresa e setor profissional, através de um auxílio continuado aos seus redatores com opiniões e sugestões. Os pequenos jornais têm que refletir sempre as reivindicações mais sentidas das massas trabalhadoras.

Importante tarefa no trabalho de agitação e propaganda é elevar o nível político, ideológico e profissional dos nossos jornalistas. Para que estes jornalistas assimilem mais rapidamente o Programa, cabe-nos realizar reuniões periódicas com as redações para o debate e o estudo do Programa e para a discussão das questões políticas mais importantes do momento, através da organização de planos de conferências, bem como do "Seminarium" da redação. É urgente criar cursos de jornalismo, tendo em vista a formação de novos quadros e melhorar a composição social das redações dos

jornais da imprensa popular, fazendo com que o corpo de redatores seja enriquecido com quadros operários e camponeses. É imprescindível destacar para os jornais quadros politicamente qualificados, capazes de refletir a linha política e assegurar a reviravolta que a luta pelo Programa impõe.

Para facilitar o crescimento da imprensa popular grande esforço deve ser realizado para que os jornais sejam atraentes do ponto de vista gráfico. Precisamos dar uma atenção especial ao aparelhamento das oficinas gráficas e ao estudo da paginação dos jornais.

Outra importante tarefa é desenvolver a agência de notícias, transformando-a num poderoso auxiliar dos jornais da imprensa popular. Não só pelo envio de notícias e artigos, como também pelas opiniões críticas e propostas concretas.

É necessário ajudar os jornais de massas dedicados a determinados setores da população a se transformarem em jornais de grande circulação. É urgente prestar um auxílio permanente no jornal sindical, ao jornal camponês, à revista feminina, ao jornal da juventude e ao jornal da luta pela emancipação, a fim de que se dedique efetivamente aos setores da população a que estão destinados e levem em conta as peculiaridades e as reivindicações de cada setor, utilizando uma linguagem própria, de fácil compreensão para seus leitores.

É uma questão vital para os jornais da imprensa popular melhorar sua difusão. Os jornais da imprensa popular

precisam alcançar grandes tiragens. A tarefa de aumentar a difusão da imprensa popular não é só das direções dos jornais. Em toda parte precisamos estabelecer planos concretos de difusão, reatando obrigatoriamente comandaos nos bairros, fazendo propaganda do jornal, criando agências e sucursais nos bairros e municípios e organizando o corpo de vendedores especiais. Tendo em vista impulsionar a distribuição dos jornais da imprensa popular, será de grande importância o "Mês da Imprensa", a ser instituído em março próximo.

COMARADAS:

Chegamos a este Congresso assinalando importantes fatos que despertam o furor dos inimigos de nossa pátria. A unidade das forças democráticas e antiperfideias avança, forjamos a frente democrática de libertação nacional. Sob a direção provada do camarada Prestes, o Partido saberá cumprir seu papel histórico de chefiar a luta para livrar o país da escravidão imperialista norte-americana.

Caminhamos confiantes ao encontro de um futuro de liberdade, pois temos ao nosso lado o campo das forças democráticas, à cuja frente marcha inapudavelmente a grande União Soviética.

Calendário

INTERNACIONAL

- 1 - 1934 - Kirov, dirigente bolchevique, é assassinado em Leningrado pelos trotskistas.
- 2 - 1914 - No Parlamento alemão, Karl Liebknecht é o único deputado a votar contra os créditos de guerra.
- 4 - 1920 - Proclamação da República Soviética da Armênia.
- 5 - 1917 - Armistício entre a Alemanha e a Rússia Soviética.
- 1936 - É promulgada a Constituição Stalinista da U.R.S.S.
- 1905 - O soviét de Moscou desencadeia a greve, sinal da insurreição de dezembro.
- 1949 - Mao Tse Tung declara virtualmente terminada a guerra de libertação da China.
- 3 - 1918 - Fundação do Partido Comunista Húngaro.
- 10 - 1917 - A propriedade privada do solo é abolida na Rússia.
- 11 - 1927 - Os trabalhadores tomam o poder em Cantão. Após três dias de luta, a Comuna de Cantão é derrotada pelas tropas de Chiang Kai Chek.
- 12 - 1953 - Reune-se em Viena o Congresso Mundial dos Povos Pela Paz.
- 15 - 1941 - Gabriel Peri e Lucien Sampaix são fuzilados pelos histeristas.
- 16 - 1918 - Primeiro Congresso dos Soviétes da Alemanha. 1948 - Libertação de Pequim.
- 18 - 1773 - Inicia-se a guerra da Independência dos Estados Unidos.
- 19 - 1946 - Falece Paul Langevin, grande sábio francês e membro do P.C.F.
- 21 - 1878 - Nascimento de Josef Vissarionovich Stálin, em Gori, na Geórgia. 1909 - Celebra-se em Paris a V Conferência (nacional) dos bolcheviques.
- 22 - 1895 - Prisão de Lênin, em S. Petersburgo, em virtude de suas atividades revolucionárias.
- 23 - 1933 - Absolvição de Dimitrov pelo Tribunal de Leipzig.
- 24 - 1900 - Primeiro número de "Iskra", jornal fundado por Lênin.
- 29 - 1918 - Fundação do Partido Comunista Alemão.
- 30 - 1922 - Por proposta de Lênin e Stálin, o Congresso dos Soviétes decreta a primeira Constituição da U.R.S.S.
- 31 - 1877 - Falece Courbet, grande pintor francês, membro da Comuna.

NACIONAL

- 3 - 1870 - Lançamento, no Rio, do Manifesto Republicano, através do jornal "A República".
- 4 - 1836 - Nascimento de Quintino Bocaiuva, propagandista da República.
- 5 - 1697 - Destruição do Quilombo dos Palmares, célebre república de escravos rebeldes.
- 13 - 1898 - Início, no Maranhão, do movimento revolucionário conhecido por Balaiada. 1877 - Falecimento de José de Alencar, romancista brasileiro.
- 6 - 1815 - Elevação do Brasil à categoria de Reino. 1945 - Reune-se no Rio o Congresso Nacional ampliado do P.C.B.
- 25 - 1895 - Morte de Raul Pompéia, romancista e lutador pela abolição.
- 29 - 1928 - Reune-se em Niterói o 3º Congresso do Partido Comunista do Brasil.

MENSAGENS DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS

Trinta e nove Partidos Comunistas e Operários enviaram mensagens ao IV Congresso do P.C.B. São elas:

- Partido Comunista da União Soviética
- Partido Comunista da China
- Partido Operário Unificado da Polónia.
- Partido Socialista Unificado da Alemanha
- Partido Operário Rumeno
- Partido Húngaro dos Trabalhadores
- Partido Comunista da Tchecoslováquia
- Partido do Trabalho da Coreia
- Partido Comunista Francês
- Partido Comunista Italiano
- Partido Comunista da Grã-Bretanha
- Partido Comunista da Espanha
- Partido Comunista Português
- Partido Comunista da Alemanha
- Partido Comunista da Grécia
- Partido Comunista da Austrália
- Partido Comunista do Território Livre de Trieste
- Partido Suíço do Trabalho

- Partido Comunista da Bélgica
- Partido Comunista da Dinamarca
- Partido Comunista do Japão
- Partido Comunista da Índia
- Partido do Povo, do Irã
- Partido Comunista da Turquia
- Partido Comunista dos Estados Unidos da América
- Partido Operário Progressista do Canadá
- Partido Comunista Mexicano
- Partido Comunista da Argentina
- Partido Comunista do Chile
- Partido Comunista do Uruguai
- Partido Comunista do Paraguai
- Partido Socialista Popular, de Cuba
- Partido Comunista da Venezuela
- Partido Comunista da Colômbia
- Partido Comunista do Equador
- Partido Comunista Porto-riquenho
- Partido Vanguarda Popular, de Costa Rica
- Partido do Povo, do Panamá
- Partido Comunista Salvadoreno

Vital dos Partidos Comunistas

PLENO DO C.C. DO P.C. FRANCÊS DEDICADO A DIFUSÃO DE «L'HUMANITÉ»

REUNIUSE o Pleno do C.C. do Partido Comunista Francês, dia 12 último, para examinar o seguinte problema: "As tarefas da redação de "L'Humanité" e a ação do Partido em prol de sua difusão". Em seu Informe sobre o assunto o camarada Etienne Fajon ressaltou que o jornal dirigido por Marcel Cachin é a arma imprescindível e mais eficaz na luta do Partido pela independência nacional, pelo pão, pela paz e o socialismo. "L'Humanité" participa ativamente da organização de toda a luta, levanta as reivindicações dos trabalhadores, denuncia e desmascara os exploradores capitalistas, os grandes trustes, apoia a luta política e desempenha um papel importante no movimento em defesa da paz. "L'Humanité" luta igualmente contra a ideologia burguesa sob todas as formas.

Fajon terminou assinalando que a difusão de "L'Humanité" é tarefa de todo o Partido. Ao final das discussões, o Pleno aprovou resolução destacando a necessidade de que todo o Partido lute tenazmente para ampliar cada vez mais a influência de "L'Humanité". O C.C. repeliu o critério de que "L'Humanité" deve pôr-se ao nível dos elementos me-

L'Humanité

ORGANE CENTRAL DU PARTI COMMUNISTE FRANÇAIS

nos conscientes da população. O Pleno recomendou à redação elevar ainda mais o nível ideológico do jornal e esforçar-se ao máximo por fazer dele uma publicação mais viva e mais popular.

A resolução diz: "É preciso prestar especial atenção à leitura e à utilização de "L'Humanité" pelos membros do Partido. Um comunista que não leia "L'Humanité" não pode cumprir sua missão nas primeiras fileiras da classe operária e de todos os partidários da paz. Não pode orientar-se ante acontecimentos complexos, marchar com segurança para frente e vencer os obstáculos, convencer aos não comunistas e guiá-los pelo justo caminho".

XII CONGRESSO DO PARTIDO POPULAR REVOLUCIONÁRIO MONGOL

DE 19 a 25 de novembro realizou-se o XII Congresso do Partido Popular Revolucionário Mongol. O Congresso homenageou de pé a memória de J. V. Stálin e J. Choibalsan e aclamou entusiasticamente para seu Presidium de Honra o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Foi discutida a seguinte ordem do dia: Informe sobre a atuação do C.C., Informe da Comissão Central de Revisão do Partido, diretivas para o II Plano Quinquenal de desenvolvimento da República Popular da Mongólia, modificações nos Estatutos do Partido e eleição dos órgãos centrais do Partido.

Assistiu aos trabalhos uma delegação do C.C. do P.C.U.S. chefiada pelo camarada Komarov. Estiveram presentes delegações dos Partidos Comunistas da China, Bulgária, Tchecoslováquia, do Partido do Trabalho da Coreia, do Partido Socialista Unificado da Alemanha, do Partido Húngaro dos Trabalhadores, do Partido Operário Rumeno, do Partido Albanês do Trabalho e do Partido dos Trabalhadores do Viet-Nam.

O Congresso acolheu com entusiasmo a mensagem de saudação do P.C.U.S. que diz a certa altura: "Desajamamos com toda a alma ao Partido Popular Revolucionário Mongol novos êxitos no reforçamento de suas fileiras, na elevação do grau de consciência marxista-leninista de seus membros, na luta para continuar desenvolvendo a economia nacional e a cultura, pela consolidação da aliança da classe operária com os "anats" laboriosos, pela elevação constante do nível de vida dos trabalhadores".

O Programa do Partido, as Experiências Das Eleições de 3 de Outubro e as Nossas Tarefas Para a Campanha Eleitoral de 1955

SACDO os camaradas delegados ao IV Congresso!
Saúdo os camaradas delegados fraternais!

CARLOS MARIGHELLA

(Intervenção no IV Congresso)

O Informe do camarada Prestes está ligado ao significado histórico do IV Congresso do nosso Partido, Congresso que se realiza sob as condições de uma intensa luta de nosso povo contra o imperialismo norte-americano e de uma tenaz luta de classes contra os grandes capitalistas e latifundiários serviais dos monopólios dos Estados Unidos. Nosso IV Congresso se realiza sob a bandeira do Programa do Partido Comunista do Brasil.

Na luta para ganhar as massas para as posições do Programa, diante das eleições parlamentares e de governadores de 11 Estados, marcadas para 3 de outubro, nosso Partido tomou posição desde o Pleno do Comitê Central de dezembro de 1953. Nossa tática eleitoral decorre dos princípios estratégicos e táticos de nosso Programa. Ela consistiu dos seguintes elementos:

1) Utilizar a campanha eleitoral para estreitar nossas ligações com as massas, difundir o Programa do Partido, avançar no sentido da unidade de ação das massas e de sua organização, visando a construção da frente democrática de libertação nacional.

2) Patrocinar a não a todos os patriotas e democratas, independentemente de suas crenças e opiniões políticas e dos partidos a que pertencem, propondo a todos a participação na campanha eleitoral, e no pleito, em torno de uma plataforma comum: defesa da paz e das liberdades, contra a carestia da vida, pela independência nacional.

3) Levantar nos postos eletivos os patriotas e democratas e derrotar os agentes do imperialismo norte-americano, assim como o governo.

4) Realizar um amplo alistamento eleitoral.

5) Intensificar a luta pela legalidade do Partido Comunista do Brasil e pelo registro de nossos candidatos.

Esta tática, definida pelo Manifesto Eleitoral do Comitê Central, revelou-se justa e cheia de sentido patriótico. Nosso Partido teve que aplicar esta tática em condições as mais difíceis.

Patriotas de todas as tendências tiveram seus registros negados em consequência das instruções fascistas da justiça eleitoral. A fraude, a corrupção, os mais flagrantemente e violentos atentados à Constituição caracterizaram as eleições de 3 de outubro, despidindo-as de qualquer aparência democrática.

Como participamos nesta campanha, pondo em prática a tática eleitoral traçada pelo Comitê Central?

Lançamos no início da campanha eleitoral os combates populares sem legendas, comunistas e não comunistas. Esta tática de frente única foi justa, facilitou reforçar nossas ligações com as massas, levantar suas reivindicações e popularizar nossa linha política, levantar nossas palavras-de-ordem, organizar e levar à luta a classe operária e o povo.

Um importante passo na organização da frente única eleitoral foi o lançamento de coligações democráticas eleitorais de âmbito estadual.

Os acontecimentos de 24 de agosto trouxeram, porém, um novo reforço à nossa tática de frente única.

Em consequência do golpe de Estado e da deposição e morte de Vargas, surgiram no país novas condições que facilitavam uma estreita ligação com as massas getulistas.

Diante de tais acontecimentos, nosso Programa revelou-se inteiramente justo, sendo que devíamos então lutar pela derrota dos generais fascistas e da UDN. Selada a aliança dos comunistas com as massas getulistas, nas manifestações de protesto contra o golpe, a frente única com o PTB passou para o primeiro plano. Esta mudança de tática foi definida pelo Manifesto do Comitê Central de 1.º de setembro e reafirmada pelos artigos do camarada Prestes, publicados às vésperas do pleito. Não foi fácil a todo o Partido compreender e realizar com rapidez essa mudança tática. Houve vacilações e resistências, difíceis de vencer no curto prazo de que dispúnhamos para nos movimentar. Mas a frente única com as massas getulistas e com o PTB trouxe grandes vantagens políticas.

Inúmeros diretores do PTB passaram a colaborar com os comunistas, nossas palavras-de-ordem puderam se estender a setores populares mais amplos e o trabalho de organização das massas se ampliou. O maior empecilho na aliança dos comunistas com os trabalhistas foram os aproveitadores infiltrados no PTB, na sua Comissão Executiva Nacional e nos seus diretórios estaduais, que tudo fizeram para intimidar e confundir as massas getulistas e subotar a luta contra o imperialismo norte-americano. A aliança entre comunistas e getulistas era justa e necessária, era exigida pelas massas. É que ela serve aos interesses da luta patriótica pela emancipação do Brasil do jugo norte-americano.

O fio condutor da nossa tática eleitoral em face dos candidatos a governadores foi o da aliança com o PTB ou com aqueles que, seja qual for o Partido, se colocaram em oposição ao golpe de 24 de agosto e em defesa da Constituição. Para tais entendimentos os comunistas se guiaram pelos princípios táticos definidos pelo Manifesto Eleitoral do Comitê Central.

Duas linhas políticas fundamentais se defrontaram na campanha eleitoral.

Uma foi a linha dos agrupamentos políticos que defendem o golpe de 24 de agosto, defendem os governos estaduais responsáveis pela carestia de vida e a miséria do povo e adotam uma posição entreguista pró imperialismo

norte-americano. Os principais representantes dessa linha são politiquinhos da UDN.

A outra linha foi a dos agrupamentos políticos que combatem o golpe de 24 de agosto, lutam contra os governos estaduais responsáveis pela carestia de vida e a miséria do povo e adotam uma posição em defesa da Constituição e antientreguista contra o imperialismo norte-americano. A principal força política representante dessa linha são os comunistas, que se aliam às massas getulistas, ao PTB e a todos os patriotas e democratas que amam o Brasil e querem o bem-estar do povo.

Mas uma particularidade das eleições de 3 de outubro é que ainda há outros agrupamentos políticos que, aproximando-se como oposição ao governo, apresentam-se figuram conhecidos demagogos, cujo único objetivo é enganar as massas para melhor servir aos patrões americanos e aos interesses dos grandes capitalistas e latifundiários.

Os resultados eleitorais mostram que o povo votou contra os entreguistas, votou contra a carestia de vida e a corrupção dos governantes, votou em defesa da Constituição e contra a política americana da difusão de Café Filho. De um modo geral a derrota da UDN, comprometida com o golpe de 24 de agosto, se tornou evidente. Os mais rancorosos entreguistas como Hamilton Nogueira e Chateaubriand sofreram uma derrota eleitoral.

Apesar disso a derrota dos entreguistas não foi completa nem total. Muitos deles, grandes banqueiros e latifundiários, rancorosos inimigos do povo, ainda conseguiram eleger-se.

Um dos piores agentes norte-americanos, como Cordeiro de Farias, conseguiu eleger-se governador de Pernambuco. O governo do policial Elyrio Lins, que o apoiou, lançou mão dos recursos mais infames para assegurar a vitória de seu candidato. Empregou a fraude, a violência, mistificou, chegou a imprimir uma edição falsa de nosso jornal «Folha do Povo», o que revela o caráter antidemocrático de tais eleições. Mas, para ganhar os votos dos camponeses, Cordeiro de Farias teve de apresentar-se como antigo membro da Coluna Prestes. Isto mostra que Cordeiro de Farias não foi desmascarado e que ainda não sabemos utilizar junto aos camponeses o largo prestígio do nome de Prestes e a influência do Partido para ganhar as massas para as posições do Programa.

No Rio Grande do Sul nossos camaradas vacilaram em aplicar a tática do Programa, foi grande o sectarismo dos que não compreenderam a importância política da aliança entre comunistas e getulistas, o que os levou a apoiar Pasqualini, candidato do PTB, somente depois de determinação do Comitê Central. As cidades proletárias asseguraram a vitória a Pasqualini. Os distritos rurais, porém, decidiram da vitória a favor de Meneghetti.

No Estado de São Paulo a vitória coube ao demagogo Jânio Quadros. Em bairros como Vila Prudente, Vila Mariana, etc., redutos dos comunistas, Jânio Quadros contou com a maioria dos votos. Redutos camponeses, que sempre pertenceram aos comunistas como Tanabi, deram maior votação inclusive a Prestes Maia, candidato do governador Garcez. Waldimir Piza, candidato apoiado por nós, só venceu em Sorocaba e Ribeirão Preto.

No Ceará, em Sergipe e no Amazonas a campanha eleitoral foi prejudicada pelo sectarismo. No Distrito Federal, dois candidatos apoiados por nós foram eleitos e conseguimos derrotar o furibundo e clerical entreguista Hamilton Nogueira. Mas o agente americano Carlos Lacerda obteve muitos votos, porque não foi suficientemente desmascarado.

Na Bahia foi eleito governador Antônio Baibão, apoiado por nós na legenda do PTB.

Apesar dos resultados pouco satisfatórios, aumentamos nossa representação na Câmara Federal. As melhores posições foram obtidas em São Paulo, com uma votação de cerca de 60 mil votos, votação apesar de tudo baixa.

No Distrito Federal nossa votação foi de 50.000 votos, superior, portanto, à das eleições anteriores.

Em vários Estados elegemos importante número de vereadores.

Os resultados eleitorais indicam um importante avanço em relação às nossas posições em 1950, quando em consequência de nossa orientação esquerdista quase nada conseguimos eleitoralmente.

Não obstante nossa aliança com as massas getulistas e o PTB, com todos os patriotas e democratas, não foi suficientemente profunda para a vitória eleitoral completa sobre os entreguistas.

Os eleitores em massa se afastaram do governo, mas ainda não foram inteiramente ganhos para as posições de Programa, como mostram o pleito eleitoral. Na maior parte dos Estados, como aconteceu em São Paulo, a vitória coube aos demagogos que ainda arrastaram o eleitorado, fazendo-se passar por oposição e por democratas.

Os resultados eleitorais não estão à altura do significado político e histórico do nosso Programa, para cujas posições nosso Partido se traçou a tarefa de ganhar os milhões de brasileiros. Tais resultados revelam ainda penetração insuficiente de nosso Programa nas várias camadas e setores da população.

Nosso poder de penetração com o Programa no campo

é ainda pequeno. Isto está revelado na maior parte dos distritos rurais do Rio Grande do Sul ou nas concentrações camponesas de São Paulo, por exemplo, onde ainda arrastamos um número insuficiente de votos dos camponeses. Entretanto, no campo temos infinitas possibilidades de ganhar as massas camponesas, dada a justiça com que o nosso Programa enfrenta a questão agrária. Não foi por acaso que na cidade de Franca, no interior de São Paulo, getulistas se cotizaram e financiaram a impressão do Programa.

É evidente que o trabalho permanente com o Programa penetrando nestas e naquelas camadas, nestas e naquelas cidades é uma garantia para o voto aos candidatos apoiados pelo Partido. O resultado eleitoral não satisfatório revela uma grave debilidade, é fruto da falta de um trabalho persistente pela aplicação da linha política do Partido nas empresas, nos sindicatos, entre os camponeses e nas organizações de massas. É por isso que chamamos a atenção e exigimos medidas as debilidades reveladas nos Comitês Regionais do interior do país, principalmente no Estado de São Paulo.

Para a situação verificada com a campanha eleitoral contribuíram as tendências falsas existentes no Partido e já analisadas pelo camarada Prestes, no seu Informe ao IV Congresso.

O sectarismo foi o pior entrave na campanha eleitoral. Isto levou a uma séria resistência à ampla tática de frente única, principalmente com o PTB.

Da parte de muitos camaradas do Partido houve sectarismo, predominou o sentimento de derrota antes do pleito, a tendência ao abstencionismo e ao reboquismo. A indiferença política constituiu um sério prejuízo, levou a que não se mobilizasse inteiramente o Partido e a que não se ganhassem satisfatoriamente as massas.

Os resultados eleitorais exigem um profundo exame crítico e autocrítico em todo o Partido, partindo dos membros do Comitê Central que dirigiram a campanha nas Regiões. Exigem melhor seleção de quadros combativos e capazes de aplicar a estratégia e a tática do Programa.

Adquirimos importantes experiências nesta campanha eleitoral. O fato do candidato a deputado que mereceu nosso apoio no Distrito Federal, pessoa desconhecida das grandes massas, ter sido eleito com 50 mil votos numa campanha de menos de dez dias constitui uma demonstração de força e prestígio, indica que o que decide da vitória é o trabalho político entre as massas, a convicção da justiça da tática a ação prática, audaz e persistente dos comunistas no trabalho eleitoral, ganhando as massas pacientemente e sem sectarismo para as posições do Programa.

No Estado do Rio de Janeiro deve-se salientar a dedicação e a compreensão de todos os comunistas, principalmente em Niterói e São Gonçalo, onde foram feitos na véspera do dia das eleições comandos de 8 mil exemplares do nosso jornal e onde contigiu a todos a palavra-de-ordem «Um deputado em 24 horas». Os resultados eleitorais positivos nesses dois municípios atestam o valor de um trabalho comunista permanente e abnegado. Assim é que se conseguiram eleger 2 deputados à Assembleia Legislativa fluminense.

Exemplo importante é o da vitória de Piza em Sorocaba. Os fatores fundamentais da vitória em Sorocaba estão em que os comunistas realizaram ali importante trabalho político, fizeram o trabalho de massa nos Comitês da Pátria Vazia nos bairros, convenceram o eleitorado de que não se tratava de eleger Jânio para derrotar Ademar e Prestes Maia, mas de derrotar 3 candidatos reacionários iguais e eleger um patriota que se comprometia perante o povo. A campanha ganhou tal vulto que acabou arrastando os indecisos. E as massas seguiram as justas palavras-de-ordem dos comunistas.

Outro exemplo é o dos camaradas da Paraíba. A palavra-de-ordem geral de derrotar os entreguistas foi ali transformada na palavra-de-ordem específica de derrotar o entreguista Chateaubriand. Para isso criaram comitês específicos contra a eleição de Chateaubriand, comitês que abrangiam operários, estudantes, populares etc. Esses comitês levantaram a luta contra o imperialismo americano, em defesa do petróleo e pela derrota do naseabundo entreguista. Grupos de agitadores desses comitês iam em comício apertar e desmascarar Chateaubriand, que sofreu estrepitosa derrota na capital da Paraíba. O grosso de sua votação foi no interior do Estado, onde as nossas debilidades ainda se revelaram pela fraqueza do trabalho com as massas camponesas.

Em Santos, ao contrário do que sucedeu com Chateaubriand na Paraíba, o policial Cruz Seco, sanguinário inimigo do povo, foi eleito. Por que isto se deu? É que os nossos camaradas de Santos ficaram na política geral, não mobilizaram as bases do Partido nem mobilizaram suficientemente as massas para derrotar tão odiado policial.

Isto mostra que onde as direções e os militantes do Partido trabalharam com ardor pela linha política do Partido, a vitória foi assegurada; onde isto não foi feito os resultados são desfavoráveis.

Entretanto, apesar das debilidades desta campanha eleitoral, obtivemos importantes vantagens. Conseguimos participar do pleito, obtendo legendas, utilizando as contradições. Conseguimos realizar um amplo trabalho de esclarecimento político das massas. Conseguimos novos postos eletivos. Agora é necessário mobilizar as massas e assegurar a posse dos eleitos, saber combinar a luta parlamentar com a luta extraparlamentar.

A luta pela paz se ampliou. Cresceu o número dos que se colocam pela proscição da bomba atômica e pelas relações comerciais com a União Soviética e as democracias pa-

isadas.

(Conclui na página seguinte)

O PROGRAMA DO PARTIDO, AS EXPERIÊNCIAS DAS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO E AS NOSSAS TAREFAS PARA A CAMPANHA ELEITORAL DE 1955

(Conclusão da página anterior)

poiares. A luta contra a carestia e o congelamento de preços se ampliou. Conseguimos preparar e desencadear com êxito greves gerais no Rio Grande do Sul, Minas e São Paulo e demos novos passos no sentido da unidade da classe operária e sua organização. O movimento de emancipação nacional ampliou-se, inúmeros núcleos da Liga da Emancipação Nacional foram organizados. Candidatos houve que se elegeram, como aconteceu com um candidato do PTB no Estado do Rio, fazendo campanha nos municípios à base da Carta da Emancipação e organizando núcleos da Liga. Conseguimos realizar vitoriosamente a Conferência Latino-Americana de Mulheres, a despeito da incompreensão e do sectarismo dos camaradas que menosprezam sistematicamente o trabalho feminino. O trabalho juvenil também avançou, apesar de ser ainda subestimado pelos camaradas do Partido. Conseguimos novos êxitos na ampliação da frente única, com a aliança com as massas getulistas e com o PTB. O trabalho entre os camponeses deu um avanço histórico com a II Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas e Camponeses, realizada em São Paulo, e com a fundação da U.L.T.A.B. Mas nossa principal debilidade continua sendo no trabalho com os camponeses e na criação da aliança operário-camponesa, o que dificulta avançarmos com mais rapidez para a formação da frente democrática de libertação nacional e para as ações revolucionárias de massas pela conquista do governo democrático de libertação nacional.

Realizamos vitoriosamente a campanha de finanças de massas dos 50 milhões de cruzeiros. Recrutamos grande número de novos membros para o Partido. A campanha eleitoral ajudou a difundir o nosso Programa. As massas getulistas passaram a interessar-se pelos nossos jornais, cujas edições com os pontos do Programa, os documentos do Comitê Central e os artigos do camarada Prestes aumentaram principalmente a partir da crise de poder que abalou o país.

De nossa participação na campanha eleitoral e no pleito de 3 de outubro é possível chegar às seguintes conclusões gerais:

1.) Precisamos redobrar os esforços no trabalho de educação no espírito do marxismo-leninismo dos militantes do Partido. Esclarecer o caráter de classe de nossa política. As vacilações em nosso Partido observam-se, antes de tudo, em nossa política de unidade de ação e de frente única de massas. Superar as tendências sectárias e oportunistas que estão no fundo do abstencionismo eleitoral. Igualmente, na tendência a tomar as eleições pelas eleições, esquecendo que são para nós um meio através do qual impulsionamos para a frente o movimento operário, democrático e nacional-libertador. Quando se tratava de disputar massas, de ganhar massas para o Programa do Partido, muitos companheiros viam apenas o caráter temporário das alianças eleitorais.

2.) Precisamos fazer sérios esforços no sentido de reforçar as ligações do Partido com as massas. Frequentemente, a classe operária e as grandes massas trabalhadoras e camponesas não conhecem as posições do Partido, não conhecem a solução que apresentamos para seus problemas mais imediatos. Por isso, deixam-se ainda enganar pela demagogia de um Jânio Quadros, ou mesmo de Ademar de Barros, de Carlos Lacerda, etc. Na verdade ainda estamos longe do completo convencimento das massas de que está na dominação do imperialismo norte-americano e na subserviência dos latifundiários e grandes capitalistas ao De-

partamento de Estado a causa principal de seus sofrimentos. 3.) É ainda débil e pouco eficiente nossa agitação política entre as grandes massas.

4.) São ainda pequenos nossos esforços no sentido de organizar as grandes massas e de dar apoio de massas às organizações já existentes, como, por exemplo, a Liga da Emancipação Nacional.

5.) São ainda pequenos nossos esforços para penetrar no campo e criar a aliança operário-camponesa, base sobre a qual se desenvolve a frente democrática de libertação nacional.

Desta batalha eleitoral nos ficaram ensinamentos e lições importantes. São ensinamentos e lições que devemos aproveitar em face das eleições de 1955 para Presidente da República, deputados estaduais, prefeitos e vereadores municipais. Não há dúvida que participaremos destas eleições. Por isso, devemos combater, desde agora, qualquer tendência abstencionista existente no Partido.

Nosso Partido é o adversário direto da ditadura americana de Café Filho, ditadura servil do imperialismo lanque e defensora dos interesses dos grandes capitalistas e latifundiários ligados aos monopólios dos Estados Unidos. Nosso Partido possui um Programa de salvação nacional.

Sómente o nosso Partido é pela luta revolucionária contra os grandes capitalistas e latifundiários. Sómente o nosso Partido é pela entrega da terra gratuitamente aos camponeses. Os comunistas são os únicos que podem combater e liquidar a corrupção administrativa e as negoclações, rebaixar o custo de vida. Os comunistas lutam abnegadamente pela paz e pela independência nacional. Lutamos por uma ampla frente democrática de libertação nacional, por uma aliança operário-camponesa, via pela qual será possível conquistar o poder político, derrubar o atual governo.

As condições do país exigem em face das eleições de 1955 uma ampla frente única democrática eleitoral, sob a liderança do nosso Partido, com apoio político na aliança a liderança com as amplas massas getulistas, para apresentar um patriota como candidato à Presidência da República, com uma plataforma democrática eleitoral capaz de arrastar as amplas massas e derrotar o atual governo.

A experiência mostra que devemos enfrentar com audácia e a tempo as eleições de outubro de 1955. Como ensina Stálin, nosso Partido deve «conservar todos os atributos de um autêntico partido de ação e não de um partido de espera contemplativa; unicamente neste caso o Partido não desaproveitará, não deixará passar o momento das ações decisivas nem se deixará pilhar desprevenido pelos acontecimentos».

Grande atenção devemos dar às eleições municipais. Em municípios populosos como S. Paulo e outros onde conquistamos a autonomia, devemos assegurar uma ampla participação eleitoral. Onde a autonomia não foi conquistada, como no Distrito Federal e Recife, é preciso enfrentar esta luta sentida pelo povo. Os candidatos a prefeitos que mereçam nosso apoio devem ser apresentados desde já, seu registro deve ser viável, seu programa deve ter acentuada cor local, postulando as reivindicações mais sentidas pela massa do município. Onde não houver possibilidade de vitória, é preciso lutar pela derrota do pior inimigo, a exemplo do que se deu com a eleição para senador na Paraíba e no Distrito Federal.

Não devemos esquecer também que as eleições de 1955

se desenvolverão em inúmeros municípios do interior onde precisamos de uma ampla participação eleitoral, a fim de melhorar nossas ligações com as massas camponesas, popularizar mais e mais o nosso Programa, organizar os assalariados agrícolas e os camponeses, desencadear lutas e eleger homens que defendam nas Câmaras Municipais do interior, as reivindicações específicas mais sentidas dos camponeses, como, por exemplo, a baixa do arrendamento, os preços mínimos, a baixa dos produtos industriais, a garantia do mercado, a luta contra os despejos, etc. Concentrando nossos esforços nestas eleições, é possível superar a fraqueza dos Comitês Regionais do interior do país, adotando a tática de ampla frente única com todos os que se dispõem a defender as reivindicações dos camponeses e dos trabalhadores agrícolas. Assim agindo, estaremos dando um importante passo na formação da aliança operário-camponesa, sem a qual é impossível a frente democrática de libertação nacional.

Penso que o Movimento da Panela Vazia pode estruturar-se nacionalmente. Os Comitês democráticos eleitorais podem revestir-se da forma de Comitês da Panela Vazia. Em toda parte é preciso criá-los desde já: nos municípios, nos distritos, nos bairros, nas fábricas, nas fazendas, etc. Tais Comitês devem iniciar imediatamente a luta contra a carestia e pelas reivindicações locais de bairro e município, como água, luz, esgoto, telefone, calçamento, etc. E isto sem sofrer qualquer interrupção. Candidatos à Prefeitura e às Câmaras Municipais devem surgir imediatamente dos Comitês da Panela Vazia. Os programas de reivindicações devem ser claros, concretos, curtos, aprovados em amplas assembleias de massa. Convenções populares devem ser realizadas para a apresentação dos candidatos e seu programa.

A questão da legenda tem grande importância. Para isto é preciso entrar em entendimentos e acordos com os diretórios municipais dos partidos políticos, particularmente com o PTB. A legenda será tanto mais facilmente assegurada para os candidatos populares quanto mais amplo for o movimento de frente única de massas e quanto maiores forem as ações de massas. A vitória está nas massas. Tudo depende da mobilização, da organização e do esclarecimento político das massas. É este o dever primordial das organizações e dos militantes do nosso Partido.

As eleições de 1955 têm um profundo significado político. Elas constituem um meio precioso para continuarmos na luta sistemática visando ganhar massas de milhões para as posições do Programa, através de uma tática de luta que conduza as massas à unidade e à ação, como prelúdio aos combates decisivos pela derrubada do governo de grandes capitalistas e latifundiários brasileiros vendidos aos círculos financeiros de Wall Street.

Creio que é preciso ficar bem claro que o nosso Partido deve contar com o apoio eleitoral das massas a fim de que mais rapidamente possa tornar vitoriosa a revolução democrática de libertação nacional de cunho agrário e antiimperialista.

Camaradas!

O histórico IV Congresso do nosso Partido mostra que sob a direção do nosso Comitê Central e do camarada Prestes, com os ensinamentos do glorioso Partido Comunista da União Soviética, modelo e exemplo para o nosso Partido, com a solidariedade dos Partidos Comunistas irmãos e dos povos amantes da paz, podemos tornar vitorioso o Programa do P.C.B., programa da salvação de nossa pátria e da felicidade de nosso povo.

Do Partido Comunista da Bélgica

AO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Caros camaradas:

Em nome do Comitê Central e de todo o Partido Comunista da Bélgica, saúdo fraternalmente o IV Congresso do glorioso Partido Comunista do Brasil.

Os comunistas e os trabalhadores belgas sabem em que condições particularmente difíceis conduziu o bom combate pela independência nacional, pela democracia e pela paz. Sabem com que heroísmo lutais há anos, contra os imperialistas americanos aliados aos latifundiários e grandes capitalistas brasileiros.

Ninguém duvida de que vosso IV Congresso representa um acontecimento histórico na vida do proletariado brasileiro. Seu êxito, nas condições de clandestinidade em que combateis, constituirá uma séria vitória contra as forças da opressão que pesam sobre vosso país.

Desejamos que vossos trabalhos obtenham pleno êxito e conduzam a decisões que permitam a união combativa de todas as forças patrióticas e democráticas que o povo brasileiro encerra.

Unida a todos os povos do mundo e apoiando-se em sua fraternal solidariedade, a classe operária do Brasil não pode deixar de, finalmente, alcançar a vitória que a libertará.

Viva a amizade dos povos da Bélgica e do Brasil!
Viva o internacionalismo proletário, o mais seguro penhor da vitória!

Viva o Partido Comunista do Brasil e seu IV Congresso!

E. LALMAND

Secretário-Geral do Partido Comunista da Bélgica

Queridos camaradas:

O Comitê Central do Partido Comunista Mexicano envia ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil sua fraternal saudação de combate.

No momento de realizar-se este histórico Congresso do Partido irmão do Brasil os povos do mundo se acham empenhados na grande batalha pela paz. Os êxitos alcançados na diminuição da tensão internacional, com a cessação da guerra da Coreia e da guerra da Indochina, se devem ao grande movimento mundial pela paz, cujos pilares fundamentais são os países do campo da paz, da democracia e do socialismo, dirigido pela União Soviética.

As derrotas assestadas pelas forças da paz e da democracia no campo da guerra e da agressão, encabeçado pelo imperialismo lanque, aumentaram o desespero dos monopolistas de Wall Street, que apertam ainda mais a

DO PARTIDO COMUNISTA

MEXICANO

AO IV CONGRESSO

DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

garra de sua exploração e domínio sobre os países sob seu controle, principalmente na América Latina. Aumenta cada dia o domínio do imperialismo lanque sobre os nossos países.

O México, como os demais países latino-americanos, sofre esta situação com particular gravidade. Os setores fundamentais de sua economia foram convertidos em apêndices da economia de guerra dos Estados Unidos. A indústria de mineração e metalúrgica é controlada pela «American Smelting», a «American Metal» e a «Anacosta», companhias imperialistas lanques; o sistema bancário está em mãos de quatro bancos, aliados ao ca-

pital imperialista dos Estados Unidos; a indústria de energia elétrica é dominada pela «Bond and Share» e a «Companhia Mexicana de Luz e Força», ambas de capital estrangeiro; a reforma agrária foi paralisada e em muitos aspectos retrocedeu; a recente desvalorização do peso mexicano em face do dólar corresponde aos interesses do imperialismo lanque e dos especuladores internos inimigos de nosso povo. A situação do país se agrava constantemente.

O descontentamento popular como consequência do que foi exposto cresce sem cessar. A convicção de que somente com a formação de uma Frente Nacional Democrática e Antimperialista é

possível defender com êxito a independência nacional e o respeito às liberdades democráticas, ganha importantes setores antimperialistas da nação. O Partido Comunista Mexicano trabalha pela formação dessa frente patriótica.

Com o maior desejo de que se realizem com êxito os trabalhos do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, reiteramos nossa saudação ao seu Comitê Central e ao camarada Luiz Carlos Prestes, dirigente querido do povo do Brasil.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva o campo da paz, da democracia e do socialismo!
Viva a União Soviética!

Viva a amizade entre o povo mexicano e o povo brasileiro!

«Proletários de todos os países, uni-vos!»

Pelo COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA MEXICANO

Secretário-Geral — Dionísio Encina

Do Partido Comunista da Grã-Bretanha

AO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Prezados camaradas:

EM NOME de todos os membros de nosso Partido, nosso Comitê Executivo envia as mais calorosas saudações fraternais e os votos de êxito ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, a ser realizado este ano.



HARRY POLLITT

Vosso Congresso terá lugar em um momento de crescente tensão no Brasil e em uma etapa crucial da luta mundial pela paz. Os grandes sucessos dos 300.000 grevistas de São Paulo, em abril do último ano, na luta por suas reivindicações de salário, e a greve vitoriosa dos 100.000 marujos e oficiais da marinha mercante, em junho do mesmo ano, expressam o crescente espírito de luta das massas trabalhadoras. Tomados juntamente com os grandes proprietários de terra, deixam claro que no Brasil o movimento de massas

Tudo isto testemunha a crescente influência do Partido Comunista do Brasil. Apesar das violentas medidas de repressão tomadas pelo governo de latifundiários e grandes capitalistas, nada poderá romper a íntima ligação de vosso Partido com as massas. Estamos certos de que o IV Congresso estimulará ainda mais a heróica luta que travam os operários e os camponeses e fortalecerá o combate contra a dominação dos Estados Unidos, pela paz, pela democracia e pela independência nacional.

Vosso projeto de Programa, publicado em janeiro, atraiu

a atenção de todo o mundo. O fato de ter sido objeto de discussão entre as grandes massas no Brasil, e de ter sido lido em diversas Câmaras Municipais e mesmo na Câmara dos Deputados demonstra sua grande importância. Ao destacar a luta pela paz e pela independência nacional e ao colocar em primeiro plano a necessidade de construir uma poderosa frente democrática de libertação nacional para libertar o povo brasileiro da dominação do imperialismo norte-americano, dos grandes proprietários de terra brasileiros e do reacionário governo de latifundiários e grandes capitalistas, vosso Programa indubitavelmente inspirará e guiará o povo de vosso país pelo caminho correto.

Enviamos nossas calorosas saudações a Luiz Carlos Prestes, grande herói nacional do Brasil. Embora ainda perseguido pelo regime de latifundiários e grandes capitalistas, nada poderá destruir o amor das massas trabalhadoras brasileira pela heróica e firme direção que ele imprime à luta do povo brasileiro pela liberdade. Seu passado de lutas e seu trabalho abnegado lhe valeram também o respeito de milhões de trabalhadores em todo o mundo. Que ele viva muitos anos para dirigir o Partido Comunista do Brasil.

Auguramos grande êxito ao vosso IV Congresso. Juntos marchamos para alcançar a paz mundial e a independência nacional, e para avançar rumo ao Socialismo.

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva Luiz Carlos Prestes, vosso grande dirigente!

Fraternalmente,

GEORGE MATTEWS

Secretário

Pelo Comitê Executivo do Partido Comunista da Grã-Bretanha

DO PARTIDO COMUNISTA

SALVADORENHO

AO COMITÊ CENTRAL

DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Caríssimos camaradas:

POR este meio desejamos agradecer-vos a comunicação sobre a próxima realização do IV Congresso de vosso Partido e, ao mesmo tempo, manifestar-vos nossa alegria pelo fato de que tão importante acontecimento possa agora efetivar-se.

No momento em que sobre os povos do istmo centro-americano se desenrolam as descaradas manobras intervencionistas do imperialismo norte-americano, aliadas ao terror fascista das camarilhas reacionárias governantes; no momento em que o Departamento de Estado norte-americano arma até os dentes os governos centro-americanos e procura lançá-los uns contra os outros para reforçar sua dominação política, econômica e militar, e poder assim levar adiante seus planos belicistas; nesse momento, diziamos, os comunistas salvadorenhos recebemos com grande júbilo a notícia da realização do IV Congresso de

vosso Partido, estando convencidos de que suas resoluções terão enorme importância não só para o povo brasileiro, mas também para todos os povos latino-americanos que, nas mais duras condições de opressão impostas pelo imperialismo, aprestam-se para lutas decisivas por sua libertação.

O Comitê Central do Partido Comunista Salvadorenho saúda fraternalmente o grande Partido Comunista do Brasil, que sábilmente dirige a luta do povo brasileiro pela democracia, a paz e a libertação nacional. Saudamos com grande alegria vosso IV Congresso, fazendo votos pelo seu mais completo êxito. Saudamos, por fim, com emoção, o grande dirigente comunista, camarada Luiz Carlos Prestes, cuja vida consagrada ao serviço do povo é um exemplo que inspira a todas as pessoas honestas e progressistas da América.

Fraternalmente,

«TRABALHADORES SALVADORENHOS, UNIVOS PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL».

Pelo Comitê Central do Partido Comunista Salvadorenho

JUAN LOPEZ

Secretário do Comitê Central do Partido Comunista Salvadorenho

Do Partido Vanguarda Popular de Costa Rica

AO IV CONGRESSO

DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

O Comitê Nacional do Partido Vanguarda Popular de Costa Rica envia fraternal saudação ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil.

O Partido Vanguarda Popular recebeu com profunda satisfação a notícia de que o Partido Comunista do Brasil realizará em data próxima, seu IV Congresso, porque sabe que esse Congresso marcará uma etapa de enorme importância na luta pelos interesses vitais dos trabalhadores brasileiros.

O fato de que o IV Congresso seja o primeiro que se realiza depois de 25 anos, durante os quais o povo brasileiro tem sido objeto de cruéis perseguições, significa que o Partido da classe operária, à frente dos trabalhadores brasileiros, conquistou as condições favoráveis que permitem a realização de um acontecimento de tão grande importância como é este seu IV Congresso.

O Comitê Nacional do Partido Vanguarda Popular expressa a certeza e a confiança que têm os comunistas centro-americanos, e particularmente os costa-riquenhos, de que o Partido dos comunistas brasileiros saberá dirigir com renovadas energias as forças populares de seu país pelo caminho que os ensinamentos de nossos mestres nos iluminam.

Viva a amizade dos povos latino-americanos em sua luta contra o imperialismo, pela independência nacional, pela paz e pelo socialismo! Muitos êxitos para o Partido Comunista do Brasil!

Saudações fraternais,

JACINTO CARVAJAL
Presidente da Comissão Política
OSCAR VARGAS
Secretário da Comissão Política
MIGUEL VALVERDE
Secretário da Comissão Política

Do Partido Comunista da Áustria

AO COMITÊ CENTRAL

DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (Rio de Janeiro)

Caros companheiros:

EM NOME dos comunistas austríacos, saudamos o IV Congresso do combativo e provado Partido Comunista do Brasil.

Sob condições indizivelmente pesadas da dupla opressão dos imperialistas norte-americanos e dos latifundiários do país, o vosso Partido, congregado em torno dos campeões da libertação nacional do Brasil, com Luiz Carlos Prestes à frente, se desenvolveu como a força dirigente da grande luta pela liberdade do vosso povo.

O vosso IV Congresso, reunido no momento em que o povo brasileiro se afasta com repulsa do corrupto regime dos agentes do capital norte-americano, tem a maior significação para o mais amplo impulsionamento desta luta.

Nós, comunistas austríacos, que devemos travar, em outra situação e sob outras condições, a luta contra o mesmo inimigo, o belcoso imperialismo americano, olhamos com admiração o vosso combate e desejamos ao IV Congresso, que tão grandes tarefas tem à frente, o melhor sucesso.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA ÁUSTRIA

DO PARTIDO COMUNISTA DA TURQUIA

AO IV CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Combativos delegados! Estimados camaradas!

O PARTIDO Comunista da Turquia e seu Comitê Central saudam calorosamente o IV Congresso do Fraternal Partido Comunista do Brasil.

Vosso Partido chega ao IV Congresso com grandes êxitos alcançados no trabalho político, ideológico e de organização. Vossos êxitos são um motivo de orgulho também para os comunistas turcos.

Compreendemos com toda a clareza as penosas condições em que lutam os camaradas brasileiros. O Partido Comunista da Turquia e os comunistas turcos se encontram em condições igualmente difíceis e, como vós, enfrentam o mesmo inimigo. O povo turco luta contra os imperialistas norte-americanos e seus lacaios — os plutocratas e latifundiários da Turquia.

Nosso povo luta contra a escravidão colonial, pela libertação nacional e para que o nosso país não se converta numa praça de armas para a agressão dos Estados Unidos contra outros países.

O Partido Comunista da Turquia luta para mobilizar todo o povo turco em torno da sagrada bandeira de independência nacional e da liberdade.

Desejamos-vos, estimados camaradas, grandes êxitos nos trabalhos do vosso glorioso IV Congresso.

VIVA O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, QUE MANTÉM COM HONRA A BANDEIRA DA LUTA NACIONAL-LIBERTADORA DO POVO BRASILEIRO E MARCHA À FRENTE DESTA JUSTA LUTA CONTRA OS PERFIDOS IMPERIALISTAS NORTE-AMERICANOS!

VIVA A LUTA PELA INDEPENDENCIA NACIONAL! PELA DEMOCRACIA E PELAS LIBERDADES!

VIVA A LUTA DE Nossos Povos PELA PAZ, Com profundo respeito e saudações comunistas,

J. BILEN

Em nome do Comitê Central do Partido Comunista da Turquia

DO PARTIDO SOCIALISTA POPULAR DE CUBA

AO IV CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Queridos companheiros:

O PARTIDO Socialista Popular, em seu próprio nome e no da classe operária e do povo de Cuba, saúda calorosamente o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil e lhe deseja o completo êxito em suas transcendentes tarefas.



BLAS ROCA

Conhecemos e apreciamos a longa história de lutas heróicas do Partido Comunista do Brasil pela Independência e a plena libertação nacional de seu grande país, pelos interesses básicos dos operários, dos camponeses e de todo o povo, pelo avanço da democracia e pela paz internacional.

Bem sabemos que para nosso país, como para todos e cada um dos povos da América Latina, que enfrentam os ferozes imperialistas e procuram sacudir seu jugo insuportável, tem uma grande importância qualquer progresso do movimento de libertação nacional do Brasil, que o Partido Comunista do Brasil encabeça, orienta e dirige, como representante do proletariado.

Nunca foi tão estreitamente relacionado o destino dos países da América Latina. Nunca foi tão necessária a estreita solidariedade de seus povos e de seus trabalhadores. Cada povo da América Latina necessita, hoje como jamais, da solidariedade dos povos irmãos e dos povos e trabalhadores do mundo inteiro, para deter a onda de terror, de reação e de perseguição feroz, que impõem em nossos países, e nos próprios Estados Unidos, o imperialismo norte-americano e seus lacaios, contra todos os patriotas, democratas, militantes sindicais honestos e partidários da paz, sejam ou não comunistas. Cada povo da América Latina necessita dessa solidariedade para a luta pela soberania nacional, pela dignidade nacional, pela independência e a libertação nacionais.

Eis por que, considerando tudo isto, desejamos de todo o coração que o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil tenha completo êxito em seu transcendental propósito de fazer avançar a causa da completa libertação nacional do Brasil do jugo dos opressores imperialistas norte-americanos, dando progresso e esplendor ao país e bem-estar e liberdade a seu povo.

Viva o Partido Comunista do Brasil, seu IV Congresso e seus fiéis dirigentes!

Viva a causa da independência nacional, da democracia e do progresso!

Viva a solidariedade dos povos e dos trabalhadores contra os imperialistas norte-americanos!

Viva a solidariedade dos povos da América Latina contra o terror e as perseguições e pela libertação nacional!

Viva a causa da paz mundial!

O Comitê Nacional do Partido Socialista Popular

DOCUMENTOS APROVADOS PELA REUNIÃO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ PELA COLABORAÇÃO DE TODOS OS ESTADOS DA EUROPA NA ORGANIZAÇÃO DA SEGURANÇA COMUM

Apelo do Conselho Mundial da Paz a todos os povos do mundo

ASSIM COMO a cessação da guerra na Coreia e na Indochina e o repúdio ao projeto da «Comunidade Europeia de Defesa» infundiram ao mundo inteiro a esperança de ver liquidados os litígios que separam os Estados, os acordos de Londres e de Paris colocam os povos diante de grave perigo que significa para cada um deles o ressurgimento da Wehrmacht. Ao serem feitas novas propostas, cuja realização pode assegurar a unificação da Alemanha, a aplicação dos acordos de Londres e de Paris assestaria um rude golpe às forças democráticas e nacionais do povo alemão, exacerbando as pretensões do militarismo alemão e sancionaria a divisão da Alemanha e da Europa.

Enquanto o progresso obtido pela ONU na inquietante questão do desarmamento e da proibição das armas de extermínio em massa aumenta as esperanças de paz, a realização dos acordos de Londres e de Paris traria consigo uma nova corrida armamentista cujo peso bem cedo se tornaria insuportável para todos.

A ratificação destes acordos pelos Parliamentos não somente não manteria a possibilidade de efetuar negocia-

ções mas criaria uma situação cheia de novos perigos para a paz na Europa e no mundo inteiro.

Os povos têm, pois, diante de si uma alternativa dramática: negociações que podem culminar num acordo razoável ou bem um ato de arbitrariedade que pode reduzir a zero o alívio da tensão internacional; o rearmamento da Alemanha Ocidental e sua inclusão num pacto de guerra.

Os povos devem opor-se à ratificação dos acordos de Londres e de Paris.

Os povos devem exigir a imediata abertura de negociações entre todos os Estados europeus, independentemente de seu regime, para garantir a sua segurança e a sua prosperidade comum mediante a colaboração entre todos.

Nenhum governo, nenhum Parlamento pode dispor do destino do povo contra sua vontade. Os povos não permitirão que ocorra o irremediável.

Não tolerarão que se leve a cabo o rearmamento da Alemanha e, com sua ação conjunta, abrirem o caminho à segurança na Europa e à paz no mundo inteiro.

O Conselho Mundial da Paz.
Estocolmo, 23 de novembro de 1954.

A SITUAÇÃO CRIADA EM DIFERENTES PARTES DA ÁSIA PELA PRESSÃO ESTRANGEIRA E O SISTEMA DE BLOCOS E COALIZÕES BÉLICAS

DEPOIS de estudar a situação na Ásia, a sessão do Conselho Mundial da Paz expressa sua satisfação pelos importantes e afortunados acontecimentos que contribuíram para o cessamento das guerras da Coreia e da Indochina, criando condições para a paz na Ásia e proporcionando o alívio da tensão internacional.

Os resultados da Conferência de Genebra representam uma vitória das forças da paz. Na Indochina cessaram as hostilidades, e pela primeira vez há muitos anos não há grandes combates nesta parte do mundo.

A declaração conjunta dos primeiros ministros da Índia e da China deu forma concreta ao ideal da coexistência pacífica sobre a base dos cinco princípios seguintes:

- 1 — Respeito recíproco da integridade territorial e da soberania.
- 2 — Não agressão.
- 3 — Não ingerência nos assuntos internos de outros Estados.
- 4 — Igualdade de direitos e proveito mútuo.
- 5 — Coexistência pacífica.

Estes princípios foram acolhidos com calor pelos povos da Ásia e do mundo inteiro e aprovados pelos governos da Birmânia, da República Democrática do Viet Nam, da União Soviética e pelos dirigentes do Governo da Indonésia. Estes cinco princípios não só assestaram as bases da paz e da segurança coletiva da Ásia; sua aceitação proporcionaria os alívios para a coexistência pacífica e a instauração de relações amistosas entre todos os povos.

Estes acontecimentos fortaleceram a unidade e a solidariedade na Ásia, jogando por terra as esperanças daqueles que tratam de obrigar «aos asiáticos» a lutar contra os asiáticos. Porém os partidários da guerra tentam de quando em quando realizar seus intentos de dominação na Ásia, recorrendo aos pactos militares, às provocações bélicas, à intromissão cada vez maior nos assuntos internos das nações asiáticas e à violência sobre os povos.

A fim de frustrar estes desígnios e de garantir a paz

e a segurança na Ásia, o Conselho Mundial da Paz conclama os povos da Ásia e de toda a terra a:

1 — Estender e fortalecer a zona de paz na Ásia e estabelecer uma segurança pacífica e coletiva sobre a base dos cinco princípios.

2 — Opor-se aos propósitos de criar no Sudeste da Ásia um bloco agressivo (a S.E.A.T.O.) e frustrar a realização deste projeto, assim como dos projetos de outros blocos militares, como, por exemplo, o pacto EE.UU.-Paquistão, que jogam uns asiáticos contra os outros e constituem uma ameaça à paz mundial.

3 — Exigir que se ponha término à dominação e à ingerência estrangeira em todas as zonas da Ásia, inclusive Malaca, Irã Ocidental (Nova Guiné holandesa) e Goa. Conseguir a retirada de todas as forças armadas estrangeiras destes territórios, assim como a liquidação de todas as bases militares estrangeiras em terra asiática e a imediata suspensão das perigosas provas de bombas atômicas e de hidrogênio, que tiveram consequências

fatais no Oceano Pacífico e envenenaram o espaço aéreo e marítimo da Ásia.

4 — Exigir que cesse a intervenção estrangeira em território chinês: na ilha de Taiwan (Formosa) e insistir que a República Popular da China ocupe o posto que legitimamente lhe corresponde na O.N.U.

5 — Pedir que os países interessados comecem sem mais tardança com a participação dos Estados asiáticos neutros, a Conferência para a unificação pacífica da Coreia, de acordo com os desejos de povo coreano. Exigir a rigorosa observância da cláusula do armistício na Indochina.

6 — Opor-se à remilitarização do Japão, a qual ameaça a paz e a segurança na Ásia e em todo o mundo.

Só assim os povos da Ásia poderão obter a consolidação da paz, liberdade para impulsionar o progresso em todos os seus aspectos, e dar sua contribuição ao estabelecimento da paz no mundo inteiro.

Estocolmo, 23 de novembro de 1954.

A LUTA DAS FORÇAS PACÍFICAS PELO DESARMAMENTO E PELA PROIBIÇÃO DAS ARMAS DE EXTERMINIO EM MASSA

HÁ QUATRO anos foi lançado em Estocolmo o apelo pela proibição total da arma atômica.

A campanha desenvolvida por todos os povos em torno desse apelo impediu o uso de bombas atômicas na Coreia e na Indochina. A luta perseverante dos povos também constrangeu os governos a pôr fim às hostilidades na Coreia e na Indochina.

Contudo, atualmente, estamos de novo em face de um perigo de guerra, decorrente da intensificação da corrida aos armamentos e do desenvolvimento incessante dos meios de extermínio em massa, cada dia mais destruidores.

Mais uma vez, a vontade dos povos pode e deve afastar esse perigo. O Conselho Mundial da Paz assinala com satisfação o progresso realizado na O.N.U., no concernente ao exame do problema do desarmamento e da interdição das armas atômicas. Assinala que esse resultado foi obtido pelo método da negociação, o que comprova a possibilidade de um acordo por meio de compromissos. Precisamente esse método é que permitiu à Assembleia-Geral adotar por unanimidade uma resolução que abre o caminho à solução desses problemas.

Todavia, os esforços empreendidos para o desarmamento são socavados pela vontade das potências ocidentais de rearmar a Alemanha ocidental e de incluí-la em um bloco militar no quadro dos acordos de Londres e de Paris. Tal desejo põe em xeque os resultados já obtidos.

O Conselho Mundial da Paz saudou as negociações que atualmente prosseguem sobre a utilização pacífica da energia atômica. Declara, ao mesmo tempo, que a humanidade não poderá utilizar inteiramente a energia nuclear para a produção pacífica senão após a proibição do uso dessa energia para fins militares. O Conselho está convencido de que o acordo nesse domínio é perfeitamente possível, assim como a criação de um sistema satisfatório para levar a efeito severa inspeção e controle.

O Conselho Mundial da Paz apela para todas as grandes potências, no sentido de que redobrem de esforços para chegar sem delongas a um acordo sobre estas importantes questões, à base das propostas atualmente discutidas. Enquanto esse objetivo não é conseguido, o Conselho solicita a conclusão imediata de um acordo sobre a proibição de quaisquer explosões experimentais de bombas atômicas e de hidrogênio que, no atual nível da ciência, são facilmente registradas. Solicita igualmente, com insistência, que todos os governos, sem exceção, assumam imediatamente o compromisso de jamais utilizarem as armas nucleares, a qualquer pretexto.

Todavia, medidas como essas não seriam mais do que primeiras medidas de urgência, cuja realização não deve frear, de nenhum modo, a solução do problema principal: a supressão de todos os meios de extermínio em massa, atômicos, bacteriológicos e químicos, e redução geral dos armamentos. Ainda mais: essas medidas seriam em si mesmas um grande passo no caminho da realização de um acordo mais amplo e mais importante sobre a redução geral dos armamentos e a proibição das armas de destruição em massa e sobre o estabelecimento de um controle internacional que preveja o envio de grupos de inspeção em todos os países.

O Conselho Mundial da Paz insiste para que os recursos liberados graças ao desarmamento geral e controlado sejam consagrados a elevar o nível de vida dos povos, particularmente dos países economicamente atrasados.

O Conselho conclita os povos de todo o mundo a reclamarem, sempre e em todo lugar, a redução geral dos armamentos e a proibição das armas de extermínio em massa, medidas sem as quais é impossível uma política de paz.

A vontade dos povos pode e deve assegurar a consecução desses objetivos, desde que os povos se unam nesta luta sagrada e expressem com a maior decisão, aos governos e à ONU, suas imensas aspirações de paz, mútuo entendimento e solidariedade humana.

ESTOCOLMO, 23 DE NOVEMBRO DE 1954.

CONDUZIR A LUTA MUNDIAL

OS TRABALHOS E AS RESOLUÇÕES DA IMPORTANTE REUNIÃO DO CONSELHO

NA segunda quinzena de novembro, reuniu-se, em Estocolmo, o Conselho Mundial da Paz. Do dia 18 ao dia 23, delegados provenientes de quase todos os países discutiram os diversos pontos do temário, entre os quais os problemas da luta pela paz na Europa e na Ásia, a questão do desarmamento e a situação criada na América Latina pela ingerência estrangeira na vida interna das nações do continente.

Homens de diferentes opiniões e idéias políticas, mas firmados no amor à paz, reuniram-se e trabalharam em Estocolmo num momento em que recrudescem os atos de provocação guerreira dos imperialistas norte-americanos e seus comparsas da Inglaterra e da França. Basta atentar para a recente reunião de Paris, onde foi decidido, sob o nome de «Reunião da Europa Ocidental», o ressurgimento do exército alemão; para a atitude provocativa assumida pelo governo de Washington na Ásia em relação ao território chinês da Ilha de Formosa; e, finalmente, para a recusa dos governos ocidentais de articular a Reunião de Segurança Européia, convocada pela U.R.S.S. e outros Estados pacíficos.

Em semelhante ambiente carregado de ameaças, as atenções dos povos se voltaram com esperança para a reunião dos representantes de suas mais legítimas e caras aspirações em Estocolmo, cujos resultados constituem um passo importante para o movimento das massas populares em prol da paz. As resoluções aprovadas pelo Conselho significam um apoio a todas as pessoas honestas do mundo para que desenvolvam uma atividade intensa e ampla contra os atos de guerra, pela diminuição da tensão internacional.

Os documentos aprovados

A 23 de novembro, a reunião de encerramento da sessão do Conselho Mundial da Paz aprovou, unanimemente, os apelos, mensagens e resoluções elaboradas como resultado das discussões. Tais documentos são os seguintes:

1. O Apelo do Conselho Mundial da Paz aos povos «Pela colaboração de todos os Estados da Europa na organização de sua segurança mútua»;
2. Uma resolução sobre a situação criada em diversas partes da Ásia pela pressão estrangeira e o sistema de blocos e alianças bélicas;
3. Uma resolução sobre a situação criada nos países da América Latina pela ingerência estrangeira nos assuntos internos das nações;
4. Uma resolução sobre a luta das forças da paz pelo desarmamento e pela proibição das armas de extermínio em massa;
5. Uma resolução sobre a situação criada nos países dependentes e semidependentes pela pressão estrangeira e o sistema de blocos e de alianças bélicas;

6. Mensagem do Conselho Mundial da Paz convocando uma Assembleia Mundial de representantes das forças da paz;

7. Recomendação sobre questões de organização do Movimento Mundial de Defesa da Paz (feita pela Comissão de Organização);



AS AMEAÇAS

O terceiro ponto da Ordem-Dia constituiu mais um motivo de especial interesse para os povos da América Latina — a ingerência estrangeira na vida interna dos países do continente. Sobre esta questão, coube ao deputado Frota Moreira em nome da delegação brasileira, apresentar o informe que serviu de base às discussões.

A ingerência estrangeira

O orador iniciou seu discurso saudando o Conselho Mundial da Paz e as vitórias da causa da paz conquistadas nos últimos meses, para as quais contribuíram, em carta medida, os povos da América Latina. Em seguida, o deputado Frota Moreira passou em revista as perseguições aos partidários da paz na América Latina, a propaganda de guerra e os atos de preparação guerreira empreendidos pelos governos latino-americanos, sob a pressão de forças estrangeiras. Como provas da ingerência estrangeira na vida de nossos países, em detrimento da paz, citou os pactos militares do tipo do «acordo militar Brasil-EE.UU.», a invasão da Guatemala, as amea-

ças de golpe no México, a situação em Cuba, sob o crescente e não nos intamamos a «A aspiração nopolio deste verno, destrrente política ração máx povos. Todo só pode ser ação de tod todos os an Realizaç «Em 195 na América paz com re



CONDUZIR ATÉ A VITÓRIA A LUTA MUNDIAL PELA PAZ

OS TRABALHOS E AS RESOLUÇÕES DA IMPORTANTE REUNIÃO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ, EM ESTOCOLMO

Na segunda quinzena de novembro, reuniu-se, em Estocolmo, o Conselho Mundial da Paz. Do dia 18 ao dia 23, delegados provenientes de quase todos os países discutiram os diversos pontos do temário, entre os quais os problemas da luta pela paz na Europa e na Ásia, a questão do desarmamento e a situação criada na América Latina pela ingerência estrangeira na vida interna das nações do continente.

Homens de diferentes opiniões e idéias políticas, mas firmados no amor à paz, reuniram-se e trabalharam em Estocolmo num momento em que recrudescem os atos de provocação guerreira dos imperialistas norte-americanos e suas companhias da Inglaterra e da França. Basta atentar para a recente reunião de Paris, onde foi decidido, sob o nome de "União da Europa Ocidental", o ressurgimento do exército alemão; para a atitude provocativa assumida pelo governo de Washington na Ásia em relação ao território chinês da Ilha de Formosa; e, finalmente, para a recusa dos governos ocidentais de articular a Reunião de Segurança Européia, convocada pela U.R.S.S. e outros Estados pacíficos.

Em semelhante ambiente carregado de ameaças, as atenções dos povos se voltaram com esperança para a reunião dos representantes de suas mais legítimas e caras aspirações em Estocolmo, cujos resultados constituem um passo importante para o movimento das massas populares em prol da paz. As resoluções aprovadas pelo Conselho significam um apoio a todas as pessoas honestas do mundo para que desenvolvam uma atividade intensa e ampla contra os atos de guerra pela diminuição da tensão internacional.

Os documentos aprovados

A 23 de novembro, a reunião de encerramento do Conselho Mundial da Paz aprovou, unanimemente, os apelos, mensagens e resoluções elaboradas como resultado das discussões. Tais documentos são os seguintes:

1. O Apelo do Conselho Mundial da Paz aos povos "Pela colaboração de todos os Estados da Europa na organização de sua segurança mútua";
2. Uma resolução sobre a situação criada em diversas partes da Ásia pela pressão estrangeira e o sistema de blocos e alianças bélicas;
3. Uma resolução sobre a situação criada nos países da América Latina pela ingerência estrangeira nos assuntos internos das nações;
4. Uma resolução sobre a luta das forças da paz pelo desarmamento e pela proibição das armas de extermínio em massa;
5. Uma resolução sobre a situação criada nos países dependentes e semidependentes pela pressão estrangeira e o sistema de blocos e de alianças bélicas;

6. Mensagem do Conselho Mundial da Paz, convocando uma Assembleia Mundial de representantes das forças da paz;

7. Recomendação sobre questões de organização do Movimento Mundial de Defesa da Paz (feita pela Comissão de Organização);

8. Convide a que sejam comemoradas as grandes datas da cultura;

9. Recomendação sobre o trabalho cultural do movimento mundial em defesa da paz (feita pela Comissão de Cultura).



AS AMEAÇAS À PAZ NA AMÉRICA LATINA

O terceiro ponto da Ordem-Dia constituiu mais um motivo de especial interesse para os povos da América Latina — a ingerência estrangeira na vida interna dos países do continente. Sobre esta questão, coube ao deputado Frota Moreira em nome da delegação brasileira, apresentar o informe que serviu de base às discussões.

A ingerência estrangeira

O orador iniciou seu discurso saudando o Conselho Mundial da Paz e as vitórias da causa da paz conquistadas nos últimos meses, para as quais contribuíram, em carta medida, os povos da América Latina. Em seguida, o deputado Frota Moreira passou em revista as perseguições aos partidários da paz na América Latina, a propaganda de guerra e os atos de preparação guerreira empreendidos pelos governos latino-americanos, sob a pressão de forças estrangeiras. Como provas da ingerência estrangeira na vida de nossos países, em detrimento da paz, citou os pactos militares do tipo do «acordo militar Brasil-EE.UU.», a invasão da Guatemala, as amea-

ças de golpe na Costa Rica e no México e a deposição violenta do sr. Getúlio Vargas. «Vale lembrar aqui — disse — a denuncia em carta dirigida pelo Presidente Getúlio Vargas ao povo brasileiro momentos antes de sua morte, onde ficou bem definida a participação de forças estrangeiras na derrubada de seu governo».

A paz não é monopólio de ninguém

Prosseguindo, o deputado Frota Moreira descreveu a situação em que vivem nossos povos, sob ameaças às liberdades, em regime de inflação crescente e aumento constante do custo da vida. A guerra não nos interessa — afirmou — somos povos pacíficos e amamos a paz. Adiante, disse: «A aspiração de paz não é monopólio deste ou daquele governo, desta ou daquela corrente política, a paz é a aspiração máxima de todos os povos. Todos sentimos que ela só pode ser conseguida com a ação de todos os patriotas, de todos os amantes da paz».

Realizações positivas

«Em 1954, desenvolveu-se na América Latina a luta pela paz com resultados positivos,

O discurso do deputado Frota Moreira

começando pelo rompimento das barreiras para o livre comércio com a União Soviética e os países de democracia popular. Sucessos foram alcançados nesse terreno, como na Bolívia, Argentina, Brasil e Venezuela». No tocante à defesa de nossa cultura e ao desenvolvimento das relações culturais com todos os países, também foram alcançados êxitos. Deste movimento participam destacadas figuras de nossa cultura citando o orador, como exemplo o Congresso dos Intelectuais do Brasil, reunido em Goiânia, o qual foi assistido por 11 delegações estrangeiras.

«Em Santiago — prosseguiu — reuniram-se parlamentares de diversos países, que manifestaram seu repúdio às resoluções da Conferência Latino-Americana de Caracas, deliberando todos lutar nos Parla-mentos de seus países contra os blocos agressivos e militares e pelo respeito à soberania das nações latino-americanas, interpretando assim legitimamente as mais caras manifestações dos povos da América Latina».

Após enumerar outras ma-

A SITUAÇÃO CRIADA NA AMÉRICA LATINA PELA INGERÊNCIA ESTRANGEIRA NA VIDA INTERNA DESSAS NAÇÕES

Documento aprovado na reunião do Conselho Mundial da Paz

À BASE de pactos e compromissos aparentemente destinados a garantir a segurança coletiva do continente americano, acentua-se cada vez mais o predomínio sobre os países da América Latina de um único Estado cuja intervenção neles constitui um fator de insegurança geral.

As condições em que se encontram colocados atualmente os países da América Latina constituem um obstáculo para a obtenção da diminuição da tensão internacional.

Essas condições são: a insegurança derivada da política de preparação para a guerra e expressada em certos pactos e acordos regionais que restringem a soberania e as liberdades dos Estados latino-americanos e dão lugar a intervenções estranhas, tais como a que recentemente ocasionou a queda do governo legítimo da Guatemala; a assinatura de pactos militares bilaterais e de acordos regionais que culminam nas resoluções políticas da Conferência de Caracas e que incorporam os países da América Latina a blocos de agressão, que os obrigam a colocar grande parte de suas riquezas naturais a serviço de fins puramente bélicos e que ameaçam arrastar a povo; pacíficos a guerras contrárias a todos os seus interesses e aspirações; a intensificação injustificada e onerosa do armamentismo nos países latino-americanos com grave prejuízo para as suas economias nacionais e das já precárias condições de vida de seus povos; a pressão exercida sobre os países da América Latina e manifestada em muitas circunstâncias em seus votos no seio de diversas organizações internacionais, obstaculizando o melhoramento das relações internacionais e a solução, por meio de negociações, de determinados conflitos e problemas pendentes. A limitação da liberdade de comércio e da distribuição das matérias-primas latino-americanas, que cria um mercado forçado, estabelece a fixação unilateral dos preços e impede estabelecer vínculos de amizade com outras nações à base de vantagens recíprocas; a limitação dos intercâmbios culturais com todos os países do mundo e a pressão exercida sobre as culturas nacionais para que adotem formas que lhes são estranhas.

Os povos da América Latina, na sua luta pela salvaguarda de sua soberania e pela conquista de uma autêntica segurança para todos e para cada um deles, contribuem eficazmente para a luta pela paz na América e no mundo inteiro.

O Conselho Mundial da Paz considera que somente mediante a cooperação entre os povos do continente americano, estabelecida sobre a base da igualdade e do mútuo respeito, pode alcançar-se a prosperidade e a segurança dos países latino-americanos.

Estocolmo, 23 de novembro de 1954.

A DELEGAÇÃO BRASILEIRA

Membros do Conselho: Abel Chermont; general Edgar Buxbaum; Jorge Amado; Convidados do Conselho: deputado Josué de Castro, presidente da F.A.O.; deputado Frota Moreira, secretário-geral do P. T. B.; Otávio de Freitas Junior, médico e escritor; Marques Rebelo, escritor; Afonso Schmidt, escritor



O PROFESSOR JOSUÉ DE CASTRO, presidente da F.A.O. e deputado ao parlamento brasileiro, foi um dos oradores da reunião de Estocolmo. Conhecido mundialmente como especialista em assuntos de alimentação, seu depoimento trouxe uma série de dados valiosos à discussão.



O PRO

CAMARADAS!

O Programa de n... precisa o quadro da... se desenvolve a luta... nacional, por uma rep...

Em seu informe a... nos traça, com exatidão... grande batalha em cur... da guerra. O histórico... Soviética fazer novas... para um passo ulterior... nacional. As iniciativas... principalmente através... nebra, conduziram as... rias de grande importân... que puseram fim à gu... tra os povos da Indoch... face da terra, desde o... os câmbios da agressão... entre os governos da... Índia, subscrito logo a... o caminho para a estru... Ásia, lançando as bases... paz nesse Continente. S... feitas em Berlim, com... os países europeus, o... taram o tratado da Co... Conferências de Berlim... sultados práticos que d... esclarecimentos novos o... paz dos povos, assinal... forças da guerra e um... mundiais da paz.

Entretanto, mostra... rios de guerra dos Esta... tica, a política provocad... Sem renunciar a seus... mente o tratado de gue... que concentra seus esfo... do através da Conferên... dos imperialistas ingles... à militarização da Ale... de um pacto de guerra... Ocidente europeu.

Essa situação exige... brarem a sua vigilância... vida e segurança, contra... tombe mundial que, com... terminou as existentes... lização.

NOSSO PROGRAMA... não está fora dessa... dialmente entre as forças...

Os imperialistas nor... lhagem das nossas rique... sentida do nosso povo... sua tarefa sinistra, ele... ianjos outros povos, à... não escondem a intenção... carne de canhão. Mas s... periditas lanças nos... no tabuleiro dos seus pl... país, em área, de todos... do mundo. Depois da In... losos desses países. E é... e mais variadamente dot... eles. Se se considera qu... contar, já agora, com a... aspectos, é uma nação... pelo imperialismo norte... num vasto arquipélago e... tinte total e crescenten... dos, pode-se completar o... planos de guerra lanques... niais e semicolônias, o... Estados Unidos se esforç... aventura guerreira. Eles... nosso solo como praça d... domínio colonial do Bra... Assim poderiam apoiar-se... descrever...

ATRAVÉS DO JGO... canos, toda a economi... mada em simples apêndi... tados Unidos. A nossa e... sobre essa base se esten... o país. A política extern... grandes capitalistas é o... mento de Estado norte-a... Brasil no estrangeiro pas... vis. Eles funcionam, na... dos Americanos, como cín... dos imperialistas american... de guerra inaque por um... caráter agressivo, entre... Militares. No Brasil se re... construção de estradas de... e portos com fins militares... do Pentágono. As forças a... a generais, brigadeiros e... param intensivamente pa... da pelos incendiários de... vés de sua propaganda e... Estados Unidos procuram... da necessidade de particip... dos Estados Unidos

O PROGRAMA DO PARTIDO E A LUTA PELA PAZ

-1-

CAMARADAS!

O Programa de nosso Partido traça de maneira justa e precisa o quadro da situação internacional dentro do qual se desenvolve a luta do povo brasileiro pela sua libertação nacional, por uma república democrático-popular.

Em seu informe ao IV Congresso, o camarada Prestes nos traça, com exatidão e clareza, o panorama atual da grande batalha em curso entre as forças da paz e as forças da guerra. O histórico armistício da Coreia permitiu à União Soviética fazer novas proposições pacíficas de entendimento para um passo ulterior no sentido do alívio da tensão internacional. As iniciativas do governo soviético, encaminhadas principalmente através das Conferências de Berlim e de Genebra, conduziram as forças mundiais da paz a novas vitórias de grande importância. Com o armistício e o acordo de paz que puseram fim à guerra dos colonialistas franceses contra os povos da Indochina, calaram-se pela primeira vez na face da terra, desde o término da segunda guerra mundial, os canhões da agressão imperialista. Em seguida, o acordo entre os governos da República Popular da China e da Índia, assinado logo após pelo governo da Birmânia, abriu o caminho para a estruturação da segurança das nações da Ásia, lançando as bases do estabelecimento de uma área de paz nesse Continente. Sob a luz das proposições soviéticas, feitas em Berlim, com vistas à segurança coletiva de todos os países europeus, o proletariado e o povo franceses derrotaram o tratado da Comunidade «Européia» de Defesa. As Conferências de Berlim e de Genebra, não só por esses resultados práticos que deles decorreram, como também pelos esclarecimentos novos que proporcionaram à consciência de paz dos povos, assinalam um novo enfraquecimento das forças da guerra e um maior fortalecimento das forças mundiais da paz.

Entretanto, mostra-nos o camarada Prestes, os incendiários de guerra dos Estados Unidos insistem na mesma política, a política provocadora e agressiva dos blocos militares. Sem renunciar a seus planos na Ásia, onde impôs ultimamente o tratado de guerra do SEATO, o imperialismo lanque concentra seus esforços na Europa Ocidental, procurando através da Conferência de Londres e com a complicitade dos imperialistas ingleses e franceses, abrir novas portas à militarização da Alemanha de Bonn e ao estabelecimento de um pacto de guerra anti-soviético em todos os países do Ocidente europeu.

Essa situação exige dos povos de todo o mundo redobrar em sua vigilância, lutarem com maior vigor por sua vida e segurança, contra a ameaça subsistente de uma hecatombe mundial que, com os meios de destruição atômica e termoneucléares existentes, significaria o fim de nossa civilização.

NOSSO PROGRAMA nos mostra, camaradas, que o Brasil não está fora dessa grande batalha que se trava mundialmente entre as forças da paz e as forças da guerra.

Os imperialistas norte-americanos não se limitam à pilhagem das nossas riquezas nacionais e à exploração desenfreada do nosso povo. Não podendo realizar sozinho a sua tarefa sinistra, eles querem arrastar o Brasil, como tantos outros povos, à guerra de agressão que preparam, não escondem a intenção de utilizar o povo brasileiro como carne de canhão. Mas seria um erro supormos que os imperialistas lanques nos consideram como um simples peão no tabuleiro dos seus planos belicistas. O Brasil é o maior país, em área, de todos os países semicolônias e colônias do mundo. Depois da Índia e da Indonésia, é o mais populoso desses países. E é, não há dúvida, o mais abundante e mais variadamente dotado de riquezas naturais entre todos eles. Se se considera que os Estados Unidos pouco podem contar, já agora, com a Índia, que a Indonésia, agora outros aspectos, é uma nação não dominada predominantemente pelo imperialismo norte-americano e é um país disperso num vasto arquipélago e que o Brasil se encontra num continente total e crescentemente dominado pelos Estados Unidos, pode-se completar o quadro de nossa situação real nos planos de guerra lanques: somos, no mundo dos países colônias e semicolônias, o país mais importante em que os Estados Unidos se esforçam para contar na sua política de aventura guerreira. Eles querem, não por acaso, utilizar o nosso solo como praça de armas para assegurar o completo domínio colonial do Brasil e de toda a América Latina. Assim poderiam apoiar-se em todo o nosso continente para desencadear uma terceira guerra mundial.

ATRAVÉS DO FUGO crescente dos imperialistas americanos, toda a economia brasileira vai sendo transformada em simples apêndice da economia de guerra dos Estados Unidos. A nossa economia vai sendo militarizada e sobre essa base se estende a militarização intensiva a todo o país. A política externa do governo de latifundiários e grandes capitalistas é ostensivamente ditada pelo Departamento de Estado norte-americano e os representantes do Brasil no estrangeiro passam a ser seus instrumentos servís. Eles funcionam, na ONU e na Organização dos Estados Americanos, como cínicos agentes da política de guerra dos imperialistas americanos. O Brasil está ligado à máquina de guerra lanque por uma série de acordos e tratados de caráter agressivo, entre os quais se destaca o «Acordo Militar». No Brasil se realiza uma série de obras, como construção de estradas de ferro e de rodagem, aeródromos e portos com fins militares e seguindo os planos estratégicos do Pentágono. As forças armadas brasileiras estão entregues a generais, brigadeiros e almirantes americanos que se preparam intensivamente para a guerra de agressão planejada pelos incendiários de guerra dos Estados Unidos. Através de sua propaganda e da de seus lacaios brasileiros, os Estados Unidos procuram incutir em nosso povo a idéia da necessidade de participação do Brasil na guerra ao lado dos Estados Unidos.

CID RAMOS

(Intervenção no IV Congresso)

Tudo isso se passa em nosso país por identidade de interesses dos latifundiários e grandes capitalistas com os interesses do imperialismo lanque. Uns e outros desejam uma nova guerra mundial. A minoria reacionária de grandes senhores de terra e de grandes burgueses que nos oprimem está voltada para os incendiários de guerra norte-americanos na esperança de grandes negócios em novas guerras, de obter grandes lucros com a venda de matérias-primas e gêneros alimentícios por preços exorbitantes e de ganhar bilhões neste negócio sangrento.

Por isso o governo de latifundiários e grandes capitalistas é um governo de preparação de guerra e de traição nacional, é um governo inimigo do povo.

- IV -

O POVO BRASILEIRO sofre pesadamente as conseqüências dessa situação. Sofre a dominação crescente do imperialismo americano e do regime de latifundiários e grandes capitalistas e os seus sofrimentos são agravados pela militarização intensiva do país, pela política de preparação de guerra do governo servil dos senhores do dólar.

Por isso, dentro do quadro geral de sua luta pela libertação nacional, o povo brasileiro luta também pela paz. Temos como nação, uma rica tradição pacífica e a nossa própria condição de país brutalmente dominado pelo imperialismo há mais de meio século amadureceu em todo o povo um entranhado sentimento de brío na defesa de nossa soberania nacional e de fraternidade para com os povos de todo o mundo. Somos um povo que odeia a guerra de agressão, a guerra imperialista. O povo brasileiro é valente e corajoso, não teme a luta, forjou-se historicamente, desde o tempo do Brasil colônia, enfrentando o dominador e o invasor estrangeiro, manifesta espontaneamente a sua simpatia e solidariedade a todos os povos vítimas da agressão, repele o militarismo, escarmenta o agressor, não aceita, de modo nenhum, ser jogado como gado de corte nas matanças bestiais travadas pelo imperialismo lanque. Temos um profundo sentimento de paz.

Hoje há grandes razões para que esse sentimento se desenvolva em ação por parte de todo o nosso povo. Um agressor e somente um nos ameaça: o imperialismo norte-americano. Ameaça lançar-nos à fogueira de uma terceira guerra mundial e de vir derramar o nosso sangue dentro de nossa própria fronteira, reprimindo nossa luta de libertação com armas tremendamente mortíferas e tentando usar entre nós nossas próprias forças armadas sob seu comando e as forças armadas dos países irmãos latino-americanos.

O regime existente e seu governo estão a serviço desse agressor, tudo fazem para facilitar a execução de seus planos tenebrosos, abrem as portas do Brasil aos agentes de guerra e do invasor, procuram manietar o povo, jogá-lo inerte às garras de seu feroz inimigo.

A nação, internamente, só conta com o patriotismo e o valor de seus filhos para defender-se de tão grave perigo. São o proletariado e seu Partido de classe quem pode e deve organizar a nação para essa luta, até a vitória.

O nosso povo vem lutando e defende assim não só a sua vida e a sua segurança como desempenha, ao mesmo tempo um papel importante na questão internacional crucial de nossos dias, a luta das forças da paz para evitar uma nova guerra mundial.

- V -

A HISTÓRIA de nosso Partido mostra que ele reflete bem os sentimentos e aspirações de paz de nosso povo. Ao mesmo tempo que veio se formando, o Partido reforça-se sempre para dar um rumo conseqüente às aspirações de paz de nosso povo, para ligá-las concretamente à luta pela libertação nacional e à luta internacional pela paz. Em seguida ao seu III Congresso, o Partido empenhou-se em movimentar as massas em solidariedade à Abissínia, lançou-se à agitação em prol da China revolucionária combatente, realizou várias ações contra a guerra e o fascismo. Bem na alma da insurreição de 1935, esteve a luta pela paz mundial. Nos anos da 2ª. grande guerra, nosso Partido, nas mais duras condições, organizou o potente movimento de massas para incorporar, política e militarmente, o Brasil à aliança dos povos amante da paz e das liberdades. Assim foram à guerra contra as potências do Eixo e enviaram à Europa os nossos pracinhas para lutarem lado a lado com os heróicos soldados da União Soviética. Em 1946, o camarada Prestes, em nome do nosso Partido, afirmou que o povo brasileiro jamais participaria de uma guerra contra a União Soviética. Assim expressou em sua mais alta forma, o caráter internacionalista de nosso Partido, como Partido de Paz.

Em cumprimento a essa palavra-de-ordem, nosso Partido em seguida encabeçou a luta vitoriosa pela expulsão dos norte-americanos de nossas bases, e, nos últimos cinco anos, vem dedicando o melhor de suas forças e de sua capacidade ao movimento do povo brasileiro em defesa da paz, concorrendo para os êxitos que todos conhecem e que bem se resumem na vitória memorável de que a atitude brasileira não foi, afinal, enviada para a Coreia.

O nosso Programa é um Programa de paz, é uma ata de acusação contra os provocadores de guerra, é um caloroso chamamento a todos os patriotas para que lutem pela paz. O Programa do nosso Partido apresenta a linha mestra da política de paz que deve ser adotada pelo nosso povo, da política de paz que norteará o governo democrático de libertação nacional.

O nosso Programa lança uma luz nova sobre a enorme importância da luta pela paz, sobre a estreita ligação existente entre a luta pela paz e a luta pela libertação nacional.

A estreita ligação, na realidade, entre a luta pela paz e a luta pela independência nacional se reflete na estreita ligação com que estas duas questões surgem, de ponta a ponta, em nosso Programa. Não é possível lutar pela liber-

tação nacional sem lutar pela paz. A paz é tarefa específica, particular, e reivindicação imediata dentro do Programa de luta de nosso povo, é um elemento integrante de nossa luta pela libertação nacional e exige, assim, ação e organização específicas. Despreocupar-se da luta pela paz, pô-la em plano secundário, é sintoma de subestimação da própria luta de libertação nacional. A libertação nacional só é possível, ensina o grande Stálin, quando se estabelece a ligação real do movimento nacional com o movimento mundial do proletariado. Essa ligação se estabelece por múltiplos laços e, dentre eles, o mais amplo é sem dúvida a luta pela paz. Pretender conduzir a luta pela libertação nacional deixando de parte ou em plano secundário a luta pela paz é retirar a luta pela libertação nacional um dos seus elementos dinâmicos mais poderosos, aquele que liga as massas de nosso povo ao grandioso movimento dos povos pela paz mundial.

Sabemos, camaradas, que o nosso país só pode ser arrancado do campo da guerra e passar ao campo da paz através da derrubada do regime de latifundiários e grandes capitalistas, da vitória da revolução democrático-popular. Mas isso não significa de modo nenhum que o nosso povo não possa agora opor-se com êxito à política de preparação de guerra do governo e impor-lhe na medida dos esforços que realize esta ou aquela de suas aspirações e exigências de paz. Temos experiência de grande significação nesse sentido, como no caso do envio de tropas e de navios de guerra à Coreia.

A política de paz do governo democrático de libertação nacional deve assim ser por nós compreendida não como uma política que surgirá da noite para o dia no novo poder, mas como a passagem ao poder das aspirações de paz de todo o nosso povo organizadas politicamente no curso da luta pela vitória da revolução democrático-popular. A formação da frente democrática de libertação nacional não pode ser levada adiante pelo justo caminho e no maior ritmo sem a luta permanente pela paz de todo o nosso povo.

Mas, também não é justo ter um movimento pela paz acanhado e estreito, que exista só como que por desencargo de consciência. É preciso tê-lo como a realidade o exige, como o Programa impõe que ele seja, isto é, como um amplo e poderoso movimento à altura do papel que deve desempenhar na defesa da vida e da segurança do nosso povo. Ele deve incorporar, sob os mais variados aspectos e formas, todas as forças de paz do povo, todas as classes e camadas sociais amigas da paz, todas as organizações e pessoas interessadas ou que possam ser interessadas em seus objetivos. A paz, como reivindicação dos mais variados setores do nosso povo, é aspiração que se manifesta de maneira particular em cada um desses setores. Os motivos que fundamentam essa aspiração variam de setor a setor, de pessoa a pessoa, e para cada um deles varia também no tempo. É preciso compreender bem isso e dar à ação pela paz um caráter realmente amplo, adotar as formas de ação mais democráticas e mais flexíveis, de maneira a permitir a mobilização das mais variadas forças, unindo-as todas num só movimento geral, permanente e sempre em atividade. Assim, a luta pela paz não é uma pequena tarefa, da qual possamos nos livrar entregando-a a pequenos grupos de ativistas, aos quais em seguida «apertamos» quando as coisas, como é inevitável, não marcham bem. A luta pela paz, na aplicação do nosso Programa, tem de ser luta diária, de todos os momentos, do conjunto do nosso povo. É tarefa política de todo o Partido, de cada uma de todas as suas organizações, de cada um de todos os seus membros, e muito particularmente das organizações de base do Partido, aquelas que, por sua própria natureza, mais diretamente se ligam às massas.

Em cada um de todos os pontos do nosso Programa está presente a paz. Em cada momento, na vida, essa presença se manifesta sob uma forma determinada. É preciso descobrir e localizar esta forma, estudando e discutindo politicamente, e em seguida extrair daí tarefas práticas para a mobilização específica das massas para a paz. Pode-se perguntar por exemplo se, diante das ameaças de guerra que pesam sobre o nosso país, é possível ao Partido conduzir-se numa campanha eleitoral como a última ou a próxima, desligando-a do problema da paz. É um fato que, a partir de um certo momento, toda a atividade, todas as forças do Partido têm que concentrar-se nas eleições. As eleições convertem-se num centro da vida política. Mas dentro desta realidade é necessário situar a maneira particular sob a qual se apresenta o problema da paz, de tal forma que não só durante a campanha eleitoral, como depois dela, toda a ação pela paz do nosso povo se veja reforçada.

Creio, camaradas, que uma das deficiências mais sérias na aplicação do nosso Programa vem sendo a subestimação da luta pela paz. Por absurdo que possa parecer, o entusiasmo com que recebemos o Programa e começamos a aplicá-lo foi acompanhado do desinteresse quanto às ações pela paz. Quase todas as regiões abandonaram as organizações de paz existentes, à sua própria sorte, dando isso como resultado que quase todas elas cessaram suas atividades. Realizações importantes, ricas de ensinamentos como o Festival Ferrouphila pela Paz e as resoluções pela interdição da bomba de hidrogênio em assembleias sindicais e nas grandes concentrações proletárias de 1º de Maio em São Paulo não são estudadas pelo Partido como exemplos concretos do que pode e deve ser feito em todos os recantos do nosso país.

Se é certo, como estabelece claramente o nosso Programa, que há uma estreita relação entre a luta pela paz e a luta pela libertação nacional, então essa mesma estreita relação deve manifestar-se em nossas ações diárias, concretizando-se na efetiva e integral aplicação do nosso Programa. O avanço na formação da frente única na revolução agrária e antiimperialista só pode realizar-se com o máximo de rapidez se, como estabelece o nosso Programa, encarmos a luta pela libertação nacional simultaneamente sob todos os seus aspectos.

Ao aplicar, na situação atual o nosso Programa na luta pela paz, devemos considerar as seguintes tarefas principais:

- 1) — Organizar a ação do nosso povo, em defesa de

(Conclui na página seguinte)

ÊSTE É O GLORIOSO P. C. B.!

A REALIZAÇÃO DO IV CONGRESSO, DEMONSTRAÇÃO VIVA DA PUJANÇA DO PARTIDO DE PRESTES

É FREQUENTE encontrar-se nos jornais notícias sobre congressos ou convenções de partidos políticos. Particularmente às vésperas de eleições, os jornais e o rádio falam de convenções da U.D.N., do P.S.D., do P.T.B., etc.

O público acompanha com ceticismo os ecos dessas reuniões de políticos gaúdos ou não lhes presta a menor atenção. Já se conhecem antecipadamente os seus resultados. Sabe-se que tal convenção nenhuma solução verdadeira anon-

lará para qualquer problema do povo, mas limitar-se-á a aprovar a candidatura do dr. fulano. Ou então, a convenção se resume numa disputa entre dois bandos de políticos igualmente ricos e influentes, cada um com os seus comparsas, a ver quem tem mais dinheiro ou mais poder no momento para contar com maiores «simpatias». Tomada uma resolução, o grupo descontente desliga-se de qualquer compromisso e entra em conchavo com os «adversários» agrupados sob outra legenda.

Sob a batuta dos trustes

Nessas convenções, quem decide é um pequeno círculo constituído de representantes de senhores latifundiários do Interior, de grande capitalistas e homens colocados no governo. No transcurso do conclave, concede-se muitas vezes a palavra aos políticos mais insignificantes, mas isso sem que a maior parte lhes escute as arengas. Esses discursos são apenas um entreteio, enquanto, nos gabinetes, os próceres decidem e concertam acordos, na base de troca de lugares ou de favores e concessões ou mesmo de compensações monetárias. Em todos esses «congressos», como não podia deixar de ser, estão presentes os homens de confiança da embaixada norte-americana, que «disciplinam» os trabalhos e cuidam de que, qualquer que seja a facção vencedora, tudo resulta sempre de acordo com o programa dos trustes lanques.



Um Partido

democrático até o fim

O espetáculo de balbúrdia, de palavrorio e mandonismo oferecido por essas convenções apresenta um contraste marcante com o recente Congresso realizado pelo único partido realmente democrático e nacional existente no país: o Partido Comunista do Brasil. O IV Congresso do P.C.B. constituiu uma reunião que somente o partido de vanguarda da classe operária poderia realizar, tanto por seus resultados como pela seriedade de seus trabalhos e longa e minuciosa preparação.

Como foi possível aos comunistas realizarem o seu Congresso com tanto êxito, — adotando decisões de importância histórica, como a aprovação do Programa de Salvação Nacional — não obstante a perseguição feroz movida pelos governantes ao P.C.B.? A realização de um grande Congresso nas condições de clandestinidade só pode ser explicada se se levar em conta, por um lado, a força e a coesão interna do Partido Comunista e, por outro, sua íntima e profunda ligação com as massas populares, particularmente com a classe operária, de que constitui a vanguarda de combate.

O Partido Comunista é um Partido que se baseia em princípios. Todos os seus membros são servidores do povo e tem um único objetivo — lutar pelo cumprimento do Programa do Partido. Os militantes, desde os dirigentes ao mais modesto membro de uma Organização de Base, estão sujeitos à mesma disciplina consciente — fixada nos Estatutos — possuem os mesmos direitos e deveres. Entre os comunistas, não existem os

NAS ASSEMBLEIAS DAS ORGANIZAÇÕES DE BASE iniciaram-se as discussões e os trabalhos que culminaram no grande IV Congresso do P.C.B. Todos os organismos do Partido examinaram e debateram o projeto e os novos Estatutos, analisando seu próprio trabalho e a situação dos trabalhadores das massas populares junto às quais atuam. Toda essa discussão fecunda, nas fábricas e nos bairros, nas cidades e no campo, enriqueceu a experiência coletiva do Partido, balanceada e estudada com sabedoria, à luz do programa de Luiz Carlos Prestes, no IV Congresso do Partido Comunista.

que apenas mandam e os que apenas obedecem. Todos participam da vida do Partido, tem responsabilidade definidas e aceitam voluntariamente as mesmas obrigações. Seu órgão dirigente soberano é o Congresso do Partido, para o qual todos os militantes contribuem e do qual todos participam através de seus delegados eleitos de baixo para cima.

A preparação do IV Congresso

A convocação do IV Congresso, por exemplo, foi amplamente divulgada nos primeiros dias do ano, para conhecimento de todos, com uma proposta de Ordem-Dia. Na mesma ocasião, foram publicados os projetos de Programa do Partido e dos novos Estatutos. Iniciou-se então uma larga discussão, em todo o território nacional, tanto dentro do Partido como publicamente, através da imprensa e de debates e palestras. Durante meses a fio, os comunistas debateram com o povo e democratas de todas as correntes o projeto de Programa e todas as questões que interessam às massas, à luz da análise e das soluções expostas naquele projeto.

Todas as Organizações de Base do Partido, com a participação da totalidade de seus membros, reuniram-se em assembleia para discutir e deliberar a propósito da Ordem-do-Dia, fundamentalmente sobre o Programa e

as modificações nos Estatutos do Partido. Essas assembleias adotaram resoluções, elegeram seus novos dirigentes e elegeram igualmente delegados às Conferências Distritais ou de Comitês de Empresa. As Conferências Distritais, por sua vez, voltaram a discutir os pontos da Ordem-do-Dia, de acordo com as resoluções adotadas pelas assembleias das Organizações de Base, elegeram seus organismos dirigentes — os comitês distritais — e escolheram seus delegados às Conferências de Zona. Estas realizaram o mesmo trabalho, em novo nível, elegendo os delegados às Conferências Regionais. Finalmente, os delegados eleitos nas Conferências Regionais reuniram-se em Congresso, órgão supremo do Partido, no qual todos os delegados discutiram e deliberaram em pé de igualdade.

Na direção do Partido Comunista, os melhores filhos do povo

Os militantes comunistas, desde as Organizações de Base, elegem seus delegados entre os melhores companheiros, os mais capazes e ativos. Os delegados chegam, assim, ao Congresso por seus merecimentos. São homens e mulheres que gozam da confiança dos companheiros do Partido e das massas populares. Homens e mulheres que mostraram, na ativi-

dade prática, na luta pela libertação nacional e a democracia popular, sua dedicação à classe operária e ao povo. São esses delegados que, no Congresso, elegem o Comitê Central, a instância suprema do Partido entre dois congressos. O Comitê Central é, pois, constituído pelos melhores filhos do povo brasileiro, pelos mais destacados, firmes e capazes combatentes da grande causa de Marx, Engels, Lênin e Stálin. A frente do Comitê Central, o líder querido de nosso povo, Luiz Carlos Prestes, eleito Secretário-Geral do Partido. Em torno do Comitê Central permanecem firmemente coesos todos os comunistas.

Este é o glorioso P. C. B.!

Onde é possível encontrar no Brasil um partido que não recua diante de nenhuma dificuldade para realizar democraticamente e de maneira a mais responsável o seu Congresso? E que espécie de Congresso — uma ampla reunião, de intenso trabalho, dos dias 7 a 11 de novembro, com a presença de delegados de Partidos irmãos do estrangeiro, realizada com o mais completo sucesso até o fim, sem que contra o Congresso nada tenham conseguido as furiosas matilhas policiais orientadas e dirigidas pela polícia secreta dos Estados Unidos, o F.B.I. Está claro que somente um Par-

O PROGRAMA DO PARTIDO E A LUTA PELA PAZ

(Conclusão da página anterior)

sua vida e segurança e em defesa da soberania nacional juntamente com todos os povos latino-americanos. Incentiva a ação comum e a solidariedade na luta pela paz e em defesa da soberania nacional entre o nosso povo e os demais povos irmãos da América Latina. Desmascarar a Organização dos Estados Americanos, insistir na ação contra as decisões da Conferência de Caracas e contra a ingerência estrangeira nos assuntos internos das nações latino-americanas.

2) — Continuar a campanha nacional pelo estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas com a União Soviética, a China e as Democracias Populares Europeias. Dar caráter de massas a essa campanha.

3) — Organizar o apoio do nosso povo à luta dos povos europeus contra a remilitarização da Alemanha e pela segurança coletiva.

4) — Insistir na ação pelo livre intercâmbio cultural de nosso povo com todos os povos.

5) — Exigir que a delegação do Brasil na ONU se conduza de acordo com os interesses da defesa da paz e da nossa soberania.

6) — Desmascarar sistematicamente a propaganda de guerra e seus agentes nacionais e estrangeiros.

7) — Intensificar, ampliar e melhor organizar a luta pela paz.

Comaradas:

O nosso Partido é o Partido da paz. Sua ideologia é a ideologia da criação, a ideologia da vida nova que surge para toda a humanidade, a ideologia da construção de um mundo novo, fecundo, alegre e feliz. Não há nenhuma dúvida de que o nosso Partido, como resultado deste histórico IV Congresso, como resultado de uma compreensão cada dia mais profunda do seu Programa, desempenhará também daqui por diante e mais do que nunca com clareza, com perspectiva e com entusiasmo o seu papel decisivo de guia do nosso povo na luta pela causa sagrada da paz mundial.

Viva a paz entre os povos!

Viva a gloriosa União Soviética, baluarte da paz mundial!
Viva o camarada Luiz Carlos Prestes, porta-bandeira da paz, do proletariado e do povo brasileiro!

Viva o IV Congresso do Partido Comunista do Brasil!

SÔBRE A CONVOCAÇÃO DO IV CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

A REALIZAÇÃO do IV CONGRESSO do Partido Comunista do Brasil torna-se cada dia mais necessária para o fortalecimento do Partido. As atuais circunstâncias possibilitam e fazem extremamente oportuna a convocação e realização do IV Congresso.

Já são decorridos o gresso de no-
vívido-
mnlada a sua combatividade e reforçada sua
coesão e unidade inquebrantável.
Levando em conta todas essas razões,
Comitê Central do P.C.B. decide:
Convocar, para realização no ano de
1954, o IV Congresso do Partido Comunista
do Brasil.
Brasil, dezembro de 1953.
O COMITÊ CENTRAL DO
PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL
origaram
na clandestini-

O IV Congresso do P.C.B. realizou-se dentro do prazo determinado pela convocação do Comitê Central

tido rigorosamente fiel ao como é hoje o glorioso Par-
Internacionalismo proletário, tido Comunista do Brasil, po-
sômente um Partido experi-
mentada organizado e forte de tal vulto e importância.

O P. C. B. saberá cumprir sua missão histórica

«A realização com êxito do IV Congresso — declarou Luiz Carlos Prestes, no Informe de Balanço — é a demonstração mais palpável de que o Partido Comunista do Brasil é o único continuador das grandes tradições de luta do povo brasileiro, o único partido que levanta em nossa terra as bandeiras da luta pela democracia e pela independência nacional, pelo progresso do Brasil e por uma vida feliz e radiosa para o povo. O IV Congresso é a prova de que o Partido Comunista do Brasil saberá cumprir sua missão histórica de Partido de vanguarda da classe operária e de todo o povo brasileiro».

Terrivelmente Explorados 6.500 Trabalhadores

ANGELO DA SILVA — Vitória

A COMPANHIA Vale do Rio Doce, S/A é uma das maiores empresas através da qual o governo entrega aos americanos os minérios, principalmente o de ferro, por uma insignificância, ou seja, a razão de 45 cruzeiros a tonelada.

Cerca de 6.500 operários trabalham no transporte desses minérios que são contrabandeados pelos tanques. Os americanos sugam o sangue dos trabalhadores dos minérios, bem como dos demais trabalhadores. Quando lutam por salários mais humanos, o governo e o seu Ministério do Trabalho atiram a polícia contra eles visando intimidá-los. Tentam, assim, impedir a luta pelo salário-mínimo, não querem dar melhor salário profissional.

Diante disso, o presidente do nosso sindicato permanece sem tomar qualquer medida. Mais ainda, concorda com os patrões, dizemos que os empregados estão satisfeitos, que apenas meia dúzia quer aumento. Referência aos trabalhadores chamando-os de tarados e de cretinos dizendo que não será ele quem irá chocar-se com a Companhia por causa de operários. Um abaixo-assinado que lhe foi dirigido ficou engavetado.

O presidente do nosso sindicato não nos ajuda em nossas reivindicações. Sem consultar aos trabalhadores retira os delegados sindicais dos núcleos sob a alegação de que o delegado não ser-

ve quando este não compactua com suas trapalhas. São homens que não se curvam ante as exigências dos chefes, tal como ele faz, chegando a chorar na Superintendência quando o chefe chama a atenção porque os trabalhadores lhe apertam por aumento de salários. Esse indivíduo comprou com o dinheiro do sindicato uma camioneta para servir de ambulância mas esta passou a fazer transporte para os chefes. Os operários quando adoecem são conduzidos no carro da rádio-patrulha e na ambulância da Santa Casa embora a camioneta esteja parada. Ele não tem autonomia no Sindicato e nem pode impor à Companhia coisa alguma.

Não se impôs como diretor quando permitiu que um tesoureiro de nome Pedro Gonçalves de Souza fugisse com 115 mil cruzeiros em dinheiro. Esse homem até agora não apareceu, deixando a mulher com 10 filhos em completo desamparo. Tudo está acontecendo no Sindicato mas o presidente não se importa com o prejuízo que dá aos operários da Vale do Rio Doce.

Enquanto isso, os trabalhadores ficam passando grandes misérias nas garças dos chefes da «Vale do Rio Doce», engenheiro Araripe, Vaamar Carneiro de Cunha e Ruben Breia.

Quando um trabalhador adoece fica recebendo uma mígalha pela Caixa de Aposentadorias e Pensões, 66 por cento dos míseros salários que não chegam nem para a compra de remédio quanto mais para a alimentação de sua família. Roupas, nem se fala.

Os operários estão lutando pelo repouso remunerado e pelos 20% das horas noturnas que até agora só alguns recebem. Lutam também por aumento de salário. Mas, não é só isso. Os trabalhadores já se preparam para eleger outra diretoria nas eleições sindicais de 1955, uma diretoria que realmente represente os interesses da classe operária e que lute ombro a ombra com seus companheiros.

☆☆☆

Carestia em Montes Claros Na Terra Do Gado Não Há Leite

A. MACHADO

A SITUAÇÃO aqui em Montes Claros está cada vez pior. A fome impera em nossos lares, pois, além do desemprego e dos salários baixos, os preços dos gêneros crescem de dia para dia. Não há o mínimo conforto para os trabalhadores que habitam casebres que não

dispõem de luz nem água, pagando alugueis caros. O salário-mínimo ninguém paga. Na terra do gado, não há leite, e a carne é ruim e cara, custando de 30 a 35 cruzeiros por quilo. Para que se tenha idéia dos preços que atualmente vigoram neste município damos o quadro abaixo:

Arroz de 1º (quilo)	Cr\$ 20,00
Arroz de 2º (quilo)	14,00
Feijão preto (quilo)	6,00
Batatas (quilo)	10,00
Farinha (quilo)	6,00
Açúcar cristal (quilo)	7,00
Açúcar refinado (quilo)	9,00
Café em pó (quilo)	44,00
Banha (quilo)	50,00
Leite (litro)	7,00
Ovos (dúzia)	14,00

Voz dos leitores

Nas obras da Usina Peixoto

600 OPERÁRIOS ENVENENADOS PELA «BOND AND SHARE»

JOSE PAES

(S. Sebastião do Paraíso)

ABRANGENDO os municípios mineiros de Ibiraci e Cássia, encontra-se em construção a Usina Peixoto, da Companhia Paulista de Força e Luz, pertencente ao truste americano de energia elétrica Bond & Share, onde trabalham centenas de operários.

Além das péssimas condições de trabalho, dos baixos salários que percebem, da falta de assistência completa em que os gringos americanos através dos seus chefes e chefetes deixam os trabalhadores, ocorreu no dia 25 de outubro último, um fato revoltante que causou indignação à população dos dois municípios. Cerca de 600 trabalhadores que fazem suas refeições no barracão ficaram envenenados com o almôço fornecido pela empresa.

Logo após o almôço os operários foram caindo, uns após outros aos gritos e vomitando. A situação foi agravada permitindo que os parentes das numerosas vítimas entrassem para prestar-lhes socorros, a fim de não causar alarme, ao mesmo tempo que impediu que os operários saíssem em busca de recursos em outras localidades.

Além de envenenados, contorcendo-se no chão, os homens tiveram que ficar no hospitais da Companhia, pois



☆☆☆

Uma diferença que explica tudo:

Itapema, Zona Operária Guarujá, Pouso de Turistas

L. BENTO
(Itapema — S. Paulo)

NO município de Guarujá existe um lugarejo que se chama Itapema, cuja população é de cerca de 15 mil habitantes. A não ser uns poucos comerciantes, a maioria é

constituída de trabalhadores que vivem em tremendas dificuldades. O lugar não tem água, as ruas sem calçamento estão constantemente enlameadas; as valas são verdadeiros depósitos de imundície.

Os operários que retornam do trabalho cansados são obrigados a buscar água em barris a cerca de um quilômetro de suas residências; quando chove são forçados a caminhar em meio à lama que atinge até o meio das pernas.

Entretanto, muito diferente é Guarujá, onde residem os grã-finos. Ali as ruas são calçadas, não falta água.

As vésperas das eleições, os políticos vêm aqui, com promessas de mundos e fundos. Terminadas as eleições tudo permanece como dantes. E, na verdade, quem elege o prefeito do município é o povo de Itapema pois ao Guarujá só vêm turistas de S. Paulo e de outros pontos do país.

E' bom que se saiba disso, que os tubarões só trabalham em benefício deles mesmos e não do povo.

Agora, com a derrota de Ademar que era candidato do prefeito, este começa a demitir da prefeitura, chefes de família. As vassouras porém, varrem os ratinhos; os gabirus ficam por aí. Já não andava fazendo propaganda abraçando a população. Agora já foi para os Estados Unidos e nós sabemos que os americanos não mandam fazer nada de bem para nós.

☆☆☆

POSTA RESTANTE

Os Trabalhadores Agrícolas Têm Direito ao Salário-Mínimo

Nosso leitor A. P. Lima, de Adamantina, Estado de São Paulo, escreve-nos sobre a luta dos trabalhadores agrícolas naquele município e nos municípios vizinhos pelo salário-mínimo, que é de Cr\$ 60,00 diários. Depois de dizer que a II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas estabeleceu a reivindicação de Cr\$ 50,00 diários, pergunta:

— Que devemos fazer? Apegar-nos à lei do salário-mínimo de Cr\$ 60,00 ou defendermos os pontos do Congresso?

Evidentemente, há uma pequena confusão que pode ser desfeita facilmente. O leitor A. P. Lima cita a VOZ OPERÁRIA de 18 de setembro. Nessa edição publicamos as resoluções da Conferência dos Trabalhadores das Fazendas de Café, reunida em Catanduva, no dia 12 daquele mês. Essa foi uma conferência preparatória à Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas e Camponeses.

A resolução tomada em Catanduva foi melhorada no conclave nacional dos camponeses brasileiros, como se pode ver na «Carta dos Direitos e Reivindicações dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil», que foi publicada na integra e em suplemento de nossa edição de 13-11-54.

No capítulo «Programa de reivindicações dos trabalhadores das fazendas de café» está escrito:

«1 — Revisão imediata de todos os contratos, para que o pagamento pelo trato de mil pés de café seja feito aos colonos de acordo com o salário-mínimo do município, conforme o Decreto 35.450 de 1º de Maio de 1954, sem desconto algum ou qualquer alegação.

2 — Pagamento do dia de serviço para os colonos, camaradas e outros de acordo com a lei do salário-mínimo estabelecido para o município.

3 — Ordenados para todos os camaradas mensalistas pagos de conformidade com o salário-mínimo do município, sem descontos de aluguel de casa ou outros.»

Lutando pelo pagamento do salário-mínimo, como está claro, os trabalhadores agrícolas de Adamantina estão pondo em prática uma resolução da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses, inscrita na Carta de Reivindicações de Direitos por ela aprovada. A Carta de Reivindicações é um instrumento de luta, de organização e esclarecimento, que deve ser incansavelmente levada às massas camponesas.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável

Aydano do Couto
Ferraz

MATRIZ

Av. Rio Branco, 257, 17º and., sala 1712
TEL.: 42-7344

SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2º andar.

P. Alegre — Rua dos Andradas, 1646 — Sala 74 — 7º andar.

Recife — Rua Floriano Peixoto, 153 — Sala 23 — 4º andar.

Fortaleza — Rua B do Rio Branco, 1248, s/ 22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPERIA
ASSINATURAS

Anual	Cr\$ 60,00
Semestral	30,00
Trimestral	15,00
N. avulso	1,00
N. atrasado	1,50

Este semanário é reimpresso em SÃO PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA e BELÉM.

SEGURANÇA COLETIVA PARA IMPEDIR A GUERRA GERAL

REUNIDOS EM MOSCOU, OS REPRESENTANTES DOS PAISES DEMOCRATICOS RENOVAM PROPOSTAS CONCRETAS PARA O ALIVIO DA TENSÃO MUNDIAL — AS HISTÓRICAS DECISÕES DE 2 DE DEZEMBRO, EM FADE DAS AMEAÇAS DE AGRESSÃO ARMADA

A 20 DE NOVENHRO inaugurou-se em Moscou uma das mais importantes conferências internacionais do pós-guerra. Representantes de todos os Estados pacíficos da Europa e um observador chinês iniciaram o debate dos problemas de segurança europeia para os quais tinham sido convidados todos os Estados europeus, além dos Estados Unidos da América. Assim, diferentemente das reuniões promovidas pelas potências ocidentais, o caráter restrito da assembleia foi determinado por aqueles convidados que se negaram a comparecer e não pelos promotores do encontro, que o desejavam tão amplo quanto possível.

Isso, em si mesmo, já é bem característico. Os diplomatas atômicos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França se negaram sequer a conversar sobre assuntos de paz e segurança exercendo, ao mesmo tempo, terrível pressão sobre os demais países europeus a fim de sabotar a obra de entendimento.

RAZÕES DAS AUSÊNCIAS

O que levou a tal ponto os experimentados estadistas do Ocidente não foi, decerto, nem o clima de Moscou, nem a sempre acolhedora receptividade do povo soviético. Se acontecesse isso, nada mais fácil que fazer a reunião em Paris, conforme sugestão do próprio governo soviético. O motivo da recusa está em que o encontro poderia ser de fato proveitoso e, sem dúvida alguma, constituiria para os povos da Europa um exemplo corante das duas políticas em confronto, a de paz e a de guerra, a colonizadora e a democrática. Há alguns anos atrás, quando os povos soviéticos garantiam com seu sangue a vitória sobre o nazismo os estadistas do Ocidente sabiam, com facilidade, falar a linguagem do acordo e encontrar a rota de Moscou. Mas isso evidentemente não se torna fácil quando a ressurreição do nazismo e do militarismo germânico constituem a alma da política atlântica. Os imperialistas não foram a Moscou pelo simples fato de terem ido, antes, a Londres e a Paris. Não quiseram ao menos discutir problemas de paz, porque tinham de estabelecer planos de guerra. Não quiseram negociar, porque os ladrões não costumam parlamentar com aqueles a que pretendem saltar.

REPRESENTADOS 1 BILHÃO DE HOMENS

Apesar disso, quase um bilhão de habitantes do globo terrestre estiveram oficialmente representados na Conferência de Segurança Coletiva da Europa. Além deles, centenas de milhões de homens, de todos os continentes, apesar de não apósto por seus próprios governos, permaneceram de olhos voltados para aquele debate democrático e disseram sim a suas conclusões.

A história da declaração da U.R.S.S., República Popular Polonesa, República Tchecoslovaca, República Democrática Alemã, República Popular Húngara, República Popular Rumena, República Popular da Bulgária e República Popular da Albânia, também apoiada pelo representante da República Popular da China, assinada a 2 de dezembro, reflete não apenas os interesses desses Estados mas, de fato, os de todos os povos do mundo, que têm interesse coincidentes.

ENCRUZILHADA DA EUROPA

A Conferência de Moscou apresentou claramente à Europa a alternativa em que ela se encontra: ou aceitar a divisão artificial em dois blocos hostis como pretendem os imperialistas e marchar aceleradamente pelo caminho de nova guerra; ou estabelecer bases duradouras para a segurança coletiva, afastando os fatores mais agudos da tensão internacional.

A declaração de Moscou renova a afirmativa de que: "A verdadeira segurança da Europa só pode ser garantida se, em lugar de criar coligações bélicas exclusivistas, de uns Estados europeus contra outros, for organizado um sistema de segurança coletiva da Europa. Este sistema, baseado na participação de todos os Estados europeus, independentemente de seu regime social e estatal, permitiria unir os esforços dos Estados europeus, a fim de garantir a paz na Europa. É evidente que deve assegurar-se a participação do povo alemão, com iguais direitos, na solução desta tarefa que diz respeito a toda a Europa. Do referido sistema de segurança coletiva poderiam também participar os Estados Unidos da América, ao lado dos demais Estados aos quais cabe a responsabilidade pela solução do problema alemão, que tem importância decisiva para a garantia da paz na Europa".

Como se sabe, o governo soviético já apresentou projeto de um tratado nesse sentido mas, embora o aproveim,



V. M. MOLOTOV

os Estados presentes à Conferência, inclusive a U.R.S.S., estão plenamente dispostos a levar em conta outras propostas que venham a ser feitas.

A PAZ É INDIVISÍVEL

A História e, mais particularmente, o passado recente da própria Europa, demonstram a impossibilidade de substituir por qualquer outro instrumento a política de segurança coletiva. Essa foi sempre a política soviética. A corrida aos armamentos, a oposição de Estados, não tem sido senão o caminho da guerra e do luto para todos os povos da Europa. Foi a falta da segurança coletiva, destruída pelos próprios financiadores de Hitler, o passe livre aos militaristas alemães, para prepararem e desencadearem a segunda guerra mundial. Quando os nazistas, após estabelecerem o terror interno, iniciaram suas agressivas ações teria sido possível detê-los, se a firmeza soviética em face da agressão à Tchecoslováquia tivesse encontrado ressonância nos meios governamentais do Ocidente europeu. A falta de segurança coletiva é, de fato, a insegurança coletiva.

Isso se comprovou novamente após o fim da segunda guerra mundial. A tensão mundial e o perigo de novo conflito, às vezes iminente, corresponde ao rompimento dos acordos internacionais entre as grandes potências que garantiam uma segurança coletiva na Europa, e ao desrespeito da Carta da O.N.U., que se baseia nos mesmos princípios.

ACORDOS SEM MÁSCARA

Os acordos de Londres e de Paris, ressuscitando a antiga comunidade europeia de defesa são, por todos os seus itens, acordos que se voltam para a guerra e que só têm sua razão de ser na política de guerra. Em primeiro lugar, são exclusivistas, abrangendo apenas um número de países que se contrapõe artificialmente aos demais. Em segundo lugar, em vez de promover o entendimento consagram a divisão da Alemanha, rearmando sua parte ocidental, onde os nazistas e os trustes revanchistas passam a ter mãos livres. Em terceiro lugar, buscam a solução dos problemas existentes não no acordo entre os Estados, mas em uma apregoada política de força que, se levada a cabo, só pode ter como consequência o próprio esmagamento de seus artífices, por sobre as ruínas de milenares conquistas da civilização. Em quarto lugar, põem em dúvida até mesmo as fronteiras estabelecidas da Europa, inclusive as de alguns signatários da sedizente «União da Europa Ocidental».

Além disso, os Acordos firmados em Paris a 23 de outubro, fazendo caso omisso de Acordos tão importantes como os de Yalta e Potsdam, e de Tratados da entregadura do franco-soviético e anglo-soviético, criam um clima de absoluta desconfiança na validade das normas vigentes nas relações internacionais, no que respeita às chancelarias dos Estados imperialistas.

Por esses e outros motivos, se vierem a ser ratificados os chamados Acordos de Paris, a situação da Europa será drasticamente agravada, aumentando de muito o perigo de nova conflagração.

REFORÇAR A SEGURANÇA

RESOLVER O PROBLEMA ALEMÃO

Os Estados pacíficos da Europa proclamam que, em qualquer caso, terão de tomar as medidas adequadas à sua segurança e sobrevivência, voltadas para impedir a agressão. Diante desta constatação, as potências participantes da Conferência de Moscou renovam a necessidade de um acordo entre os Estados europeus, considerando que a solução do problema alemão é a principal tarefa na obra de consolidação da paz europeia, considerando que, para resolvê-lo, faz-se necessário, antes de mais nada:

1 — "Renunciar aos projetos de militarização da Alemanha Ocidental e de sua inclusão em coligações bélicas, e que elimine os obstáculos principais que se opõem à renúncia da Alemanha em bases pacíficas e democráticas".

2 — "Chegar a um acordo sobre a realização, em 1950, de eleições livres em toda a Alemanha e formar, neste base, o Governo da Alemanha unida, democrática e pacífica".

3 — "Finalmente então será possível concertar o Tratado de Paz com a Alemanha, o que é indispensável para garantir a paz na Europa".

Contrariamente aos conspiradores belicistas de Londres, Paris e Washington que concluíram pela ocupação da parte ocidental da Alemanha até 1950, as potências pacíficas representadas na reunião de Moscou, consideram que a retirada das tropas de ocupação do território da Alemanha Oriental e Ocidental, como propôs a União Soviética, contribuiria sobretudo para aproximar as duas partes da Alemanha e resolver a tarefa do restabelecimento da unidade da Alemanha.

CONFERÊNCIA DE PAZ

Apesar da recusa dos imperialistas de participarem dela, a Conferência de Moscou se manteve rigidamente dentro dos princípios pacíficos que determinaram sua convocação, renovando propostas de acordo e conclamando os governos ao entendimento.

A sabotagem ao entendimento e as ameaças encierradas aos Estados democráticos, por parte dos imperialistas do bloco anglo-americano determinaram, também o estudo preliminar de medidas de segurança indispensáveis.

ORGANIZAÇÃO DA DEFESA

Por isso, a parte final da Declaração proclama que: 1 — A situação criada põe na ordem do dia a tarefa de unir os esforços dos Estados representados na Conferência com a finalidade de garantir sua segurança. «Os Estados pacíficos se vêem na necessidade de tomar medidas urgentes para opor, no interesse de sua própria segurança, seu poderio conjunto às forças agressoras do mencionado bloco bélico das potências ocidentais».

2 — Os Estados participantes da Conferência proclamam sua decisão de levar a efeito, caso sejam ratificados os acordos de Paris, medidas conjuntas relativas à organização e conserto das forças armadas, assim como outras medidas necessárias para reforçar sua capacidade defensiva, a fim de proteger o trabalho pacífico de seus povos, garantir a inviolabilidade de suas fronteiras e territórios e assegurar a sua defesa diante de uma eventual agressão.

3 — Os Estados participantes da Conferência convieram em examinar novamente a situação no caso de virem a ser ratificados os acordos de Paris, a fim de tomar medidas pertinentes para garantir sua segurança e o interesse da manutenção da paz na Europa.

INSISTIR NA SEGURANÇA COLETIVA

A União Soviética, Polónia, Tchecoslováquia, Hungria, România, Bulgária, Albânia e República Democrática Alemã reiteram, no final do comunicado sua intenção de insistir pela criação na Europa de um sistema de segurança coletiva, «persuadidos de que somente os esforços conjuntos dos Estados europeus podem criar as bases de uma paz sólida e duradoura na Europa. Com esta finalidade, continuam dispostos a colaborar com outros Estados europeus que se mostrem desejosos de marchar por este caminho».

GARANTIA DO TRIUNFO DE UMA

CAUSA JUSTA

Quarenta dias mediam entre a assinatura dos acordos de Paris e a conclusão da Conferência pacífica de Moscou. Três dias foram bastantes para que as potências democráticas se pusessem de pleno entendimento sobre a situação criada pelas maquinções guerreiras e o não comparecimento dos belicistas à reunião de segurança coletiva. A rapidez dessas medidas, contrastando com as difíceis negociações levadas a cabo no campo do imperialismo é um aspecto da solidez e invencibilidade do grande campo da paz. Os governos democráticos podem agir rapidamente e de comum acordo, porque seus povos apóiam sua política e porque não há entre os Estados pacíficos qualquer divergência, de vez que estão todos voltados para a construção pacífica do socialismo e a garantia da paz em todo o mundo.

E se alguém tentar violar essa construção e essa paz necessária, — advertem os representantes dos países pacíficos — «nossos povos, com a simpatia e o apoio dos demais povos, farão tudo quanto esteja a seu alcance para aniquilar as forças da agressão e para que triunfe nossa justa causa. A justa causa de toda a humanidade».

A GRANDE GREVE DOS MÉDICOS:

UM ELO NA LUTA DE TODO O POVO CONTRA A CARESTIA, PELAS LIBERDADES

DEPOIS das protelações que fizeram o projeto 1.082 envelhecer de quatro anos, enquanto o custo da vida foi se elevando sem cessar — o veto traiçoeiro do sr. Café Filho, o desacato, prisões e a tentativa de intimidação pelo aparato bélico contra centenas de médicos diante do Catete. O governo cortou qualquer possibilidade de entendimento e fez sentir sua disposição de obrigar os funcionários de nível universitário a se vergarem à sua política de fome. Os fatos se incumbiram de convencer os médicos da necessidade de enfrentar a situação com novas formas de luta, mais vigorosas e energéticas. A luta por aumento de vencimentos adquiriu conteúdo político, transformou-se em luta pela derrubada do veto.

Na memorável assembléa geral da Associação Médica do Distrito Federal, 400 médicos que divergiam da diretoria declararam solenemente extinta a oposição. Sob a bandeira da unidade, os médicos decidiram a greve geral por tempo indeterminado pela derrubada do veto. O movimento estendeu-se a vários Estados — Bahia, Ceará, Estado do Rio, Goiás, Paraíba, Amazonas. Aderiram à greve, no Distrito Federal os sindicatos dos químicos e dentistas.

Pulverizadas as falsas «razões» do veto

A greve dos médicos pôs a nu o caráter antipopular do governo de fome e carestia de Café-Juarez-Gudin, desmascarou a falsidade e a hipocrisia dos «malfazadores» do golpe americano de 24 de agosto, denunciou a política de terror policial da camarilha dominante.

As falsas «razões» do veto redigido por Gudin e assinado por Café foram pulverizadas pela A.M.D.F.

1 — O governo alegou que a aprovação do projeto 1.082 viria provocar reivindicações dos demais servidores civis da União. A verdade é que o funcionalismo público está reivindicando aumento de vencimento há três anos. Essa alegação oficial só vem provar sua disposição de negar qualquer aumento ao funcionalismo.

2 — O governo afirma que o acréscimo de despesa seria de um bilhão e 800 milhões de cruzeiros. A verdade é bem diferente. Os cálculos do DASP e das Comissões Técnicas do governo indicam as cifras de 600 milhões para os servidores da União e 500 milhões para as autarquias. Além disso, as autarquias são autônomas e se estão em déficit não é culpa dos médicos mas, sim, porque o governo não lhes paga o que deve, (17 bilhões de cruzeiros).

3 — O governo alega que o projeto 1.082 não prevê os meios para enfrentar o aumento de despesa. É uma exigência, contra a Constituição que não permite rendas com fins específicos. Além do mais, o aumento de despesa é de apenas 1,3% da receita da União cujo aumento é de 20% por ano. Além disso, o governo fecha os olhos a situação como a do IAPC que cobra a taxa de 1% para prestar assistência médica. Arrecada com isso 270 milhões por ano, mas gasta somente 20 milhões. Que faz dos restantes 250 milhões?

4 — O governo alega que o aumento dos médicos aumentaria a carestia da vida. Sendo assim, o governo é contra todo e qualquer aumento de salário, enquanto aumenta impostos e a carestia da vida cresce sem cessar.

5 — O governo alega que o aumento criaria uma situação de mal-estar nos Estados. A verdade é outra. Em S. Paulo, no Distrito Federal, no Estado do Rio e na Bahia, por exemplo, onde se concentra a maioria dos beneficiários do 1.082, os médi-

cos estaduais e municipais já recebem salários muito mais elevados.

6 — O governo alega que a solução do problema virá com o chamado Plano Geral de Classificação de Cargos. Isso é inaceitável manobra protelatória. Seriam novos estudos e cálculos. Já bastam os quatro anos de espera pelo 1.082 em que os 8.400,00 pleiteados já valem menos do que 5.000,00 na época em que se lançou a campanha.

O veto de Café é indefensável. Todas as «razões» se voltam contra o governo.

O governo contra o direito de greve

O governo mostrou sua face reacionária e sua disposição de liquidar o direito de greve, ao enfrentar os médicos. O Judas Napoleão declarou à imprensa que a greve é ilegal porque o direito de greve foi assegurado pela Constituição na forma que a lei regulamentar. E não há lei regulamentadora da questão». Assim o Ministério do Trabalho da embaixada americana declara que não existe o direito de greve no Brasil. A greve dos médicos representa, portanto, uma grande vitória na luta de todos os que trabalham pelo direito de greve, pelo respeito à Constituição e salvaguarda das liberdades democráticas. A greve foi feita contra a vontade do governo, que teve que recuar e aceitá-la na prática, entender-se com os grevistas e desistir de seus planos de punir os grevistas. A greve dos médicos foi mais uma demonstração de que o povo só pode fazer respeitar os seus direitos, lutando organizadamente por eles e que é possível, com a unidade de ação, fazer esse governo recuar e impedir que liquide os direitos dos cidadãos.

Quanto à proibição da greve para funcionários públicos pelo Estatuto dos funcionários, é evidente que é inconstitucional, pois a Constituição não faz essa discriminação. Também sob este aspecto a greve dos médicos foi uma contribuição para a luta dos trabalhadores do Estado pelos seus direitos.

Este governo está disposto a todas as violências

A prisão de médicos diante do Catete, a violência inominável da prisão do professor Ermiro Lima e outros facultativos, a



O comando da greve dos médicos tomou tôdas as medidas ao seu alcance para assegurar o máximo de assistência à população. Os plantões para os casos de urgência só foram perturbados pelo governo e sua policia.

ocupação militar de hospitais, impedindo os serviços de urgência estabelecidos pelos grevistas, as ameaças de convocação militar dos médicos, a campanha de calúnias contra os médicos — tôda a conduta do governo durante os quatro dias da greve demonstrou que estamos diante de um governo capaz de tôdas as violências e arbitrariedades.

Os enérgicos protestos, as demissões em massa dos cargos de confiança manifestan-

do o repúdio ao governo, a consagradora manifestação de desgosto ao professor Ermiro Lima, o crescimento e consolidação crescente da greve foram a resposta adequada e à altura. A experiência da greve dos médicos é a prova concreta de que a unidade pode oferecer uma resistência vitoriosa aos fascistas nomeados por mister Kempet para oprimir nosso povo.

UMA VITÓRIA DA SOLIDARIEDADE OPERÁRIA E POPULAR

Mas a greve dos médicos foi também uma vitória da solidariedade operária e popular. As centenas de telegramas, moções, visitas e manifestações de todo o tipo das organizações operárias, da CTB, dos sindicatos, do Congresso Nacional dos Servidores Públicos reunidos em S. Paulo, as manifestações dos internados nos hospitais, de comissões de mulheres, a solidariedade da União Nacional de Estudantes — tudo se somou em impressionante demonstração de apoio e solidariedade e mostrou o fracasso vergonhoso do governo e da imprensa reacionária em incompatibilizar os médicos com a população, quando o governo lhes vedou pela força o acesso aos hospitais, os serviços de urgência se instalaram em dezenas de sindicatos. Os médicos voltaram

ao seu nobre trabalho de cabeça erguida, mais coesos do que nunca a conquistar suas justas reivindicações. Prosseguirão na luta até a vitória final.

A luta dos médicos e demais funcionários de nível universitário demonstra como se radicalizam os intelectuais e as camadas médias de nosso povo. A greve contribuiu poderosamente para mostrar não só aos médicos, mas a largos setores da classe média, que seus interesses não estão ao lado do governo mas contra o governo, não estão contra a classe operária e as massas populares mas só podem beneficiar-se com aliança e amizade com a classe operária e as lutas populares contra a política de terror, carestia, fome e guerra dos lacaios dos americanos.



O Hospital dos Servidores Públicos ocupado militarmente. A cena define como eloquente um governo de arbítrio e violência. Precedente igual, só na Alemanha de Hitler.



O professor Ermiro Lima e outros médicos foram presos por ordem do governo, que pretendia processá-los de acordo com a famigerada lei de segurança. Os médicos responderam energeticamente a essa violação brutal das liberdades democráticas.

Levar a Todos os Brasileiros o Programa de Salvação Nacional

O CONGRESSO DO PROGRAMA DO P.C.B.

«Ao aprovarmos neste IV Congresso o Programa do Partido, apresentamos ao povo brasileiro o caminho da salvação nacional e do alto desta tribuna dirigimos a todos os democratas e patriotas nosso apelo para que se unam a fim de transformar este Programa em realidade viva para felicidade de nosso povo e glória de nossa pátria.

Com o Programa do Partido indicamos ao povo brasileiro o caminho da luta revolucionária para derrotar o governo de latifundiários e grandes capitalistas e substituí-lo pelo governo democrático de libertação nacional».

LUIZ CARLOS PRESTES — Informe ao IV Congresso do P.C.B.

NO INFORME de Balanço do Comitê Central do P.C.B., Luiz Carlos Prestes resalta a enorme significação do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil. «A realização do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil — disse Prestes — constitui acontecimento de importância excepcional na vida de nosso Partido, Passamos da juventude para a maturidade».

Há 25 anos, os comunistas ferozmente perseguidos, não se reuniam em Congresso. O IV Congresso fez, assim, o balanço de um período rico de acontecimentos da maior importância na História da humanidade, durante o qual realizaram-se profundas modificações no cenário mundial: 900 milhões de homens e mulheres vivem hoje livres do jugo imperialista, tendo à frente a grande e poderosa União Soviética.

O IV Congresso do P.C.B. analisou a grave situação em que vive nossa pátria e o longo e difícil caminho percorrido pelo Partido Comunista, caminho cheio

de heroísmo e de inquebrantável fidelidade à classe operária e o povo.

O IV Congresso do P.C.B. constitui um acontecimento histórico na vida do povo brasileiro: nele foi aprovado o Programa de Salvação Nacional.

Juntamente com o Programa do P.C.B. o IV Congresso aprovou um documento de excepcional importância para a vida do Partido Comunista e o prosseguimento das lutas de nosso povo pela libertação nacional e a democracia popular: o Informe de Balanço, apresentado pelo Secretário-Geral do P.C.B., Luiz Carlos Prestes. Nêle, Prestes fundamenta teoricamente as teses do Programa e traça as tarefas políticas cuja execução é indispensável para tornar vitorioso o Programa de Salvação Nacional. Outros documentos de grande valor foram aprovados pelo Congresso: o Informe de Diógenes Aruda — cujo estudo é indispensável à assimilação do Programa — os novos Estatutos do P.C.B. e o Informe de João Amazonas, que os apresentam e analisam.



COMO DIFUNDIR ENTRE O POVO OS GRANDES DOCUMENTOS DO IV CONGRESSO



É indispensável e urgente, agora, difundir entre todo o povo os resultados do IV Congresso do P.C.B., seus documentos fundamentais, particularmente o Programa do Partido Comunista do Brasil e o Informe de Balanço de Luiz Carlos Prestes. Como realizar a divulgação desses documentos, como distribuí-los entre milhões de trabalhadores e homens do povo, como explicá-los a todos os patriotas e democratas, a todos os brasileiros desejosos de libertar o país do jugo americano e conquistar um novo regime de liberdades, paz e bem-estar?

★ Realizar a distribuição dos jornais populares contendo o texto do Programa e dos Informes ao IV Congresso.

★ Promover leituras coletivas do Programa do P.C.B. e do Informe de Prestes

★ Divulgar em folhetos e reproduzir ao máximo nos órgãos da imprensa e do rádio o texto dos documentos ou trechos do Informe de Prestes.

★ Realizar palestras, conferências ou debates sobre o Programa do P.C.B. ou em torno de questões ligadas ao Programa.

★ Promover sabatinas sobre o Programa e o Informe de Prestes.

★ Reproduzir e distribuir aos milhões, levando de casa em casa, de porta em porta, de mão em mão, o Programa de Salvação Nacional.



PRESTES INDICA:

Levar o Programa do Partido às Massas de Milhões

«A transformação em realidade prática das soluções indicadas no Programa do Partido deve ser obra de milhões. Isto exige que saibamos fazer do Programa do Partido o Programa de todo o povo. Precisamos levar o Programa às massas de milhões, ganhar as grandes massas de toda a população do país para os objetivos e as tarefas do Programa, conseguir vencer as massas de que devem e podem transformar em realidade viva as soluções indicadas no Programa.

Trata-se, pois, de difundir o Programa entre o povo, de levá-lo aos milhões, ao conhecimento de todos os brasileiros de todas as classes e camadas sociais, de explicá-lo detalhadamente uma e muitas vezes, de torná-lo compreensível a todos os trabalhadores.»

(LUIZ CARLOS PRESTES — Informe de Balanço do Comitê Central do P.C.B. ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil).

No melancólico «festival de palavras» de Quitandinha

SÓ VALERAM AS ORDENS DOS TRUSTES AMERICANOS

As divergências surgidas provaram mais uma vez a impotência e a submissão dos governos de latifundiários e grandes capitalistas — Os preços do café, mais uma questão adiada para as calendas gregas

MAIS UMA vez os povos oprimidos da América Latina foram negociados por dolares na Conferência Econômica de Quitandinha. A delegação de Wall Street, chefiada pelo próprio Secretário do Tesouro (Ministro da Fazenda) de Eisenhower, funcionou como centro de comando e controle da reunião colonizadora. Seu argumento em todas as circunstâncias foi a sacola onde guarda o fruto do saque de nossas riquezas: "queréis dólares, então deveis cumprir nossas ordens". Já nas vésperas da Conferência, mister Holland declarava clinicamente que "o capital estrangeiro não virá" se as leis relativas ao petróleo brasileiro continuarem a "impossibilitá-lo". E no seu discurso na instalação da Conferência, Humphrey, chefe da delegação americana, declarava "a solidariedade econômica como parte da defesa comum", isto é, como parte da política de preparação e desencadeamento de uma nova guerra seguida pelo governo dos Estados Unidos.

Os preparativos ianques para a Conferência de Quitandinha

Como é sabido, os americanos se recusaram a tratar de questões econômicas em Caracas, quando reuniram os ministros do exterior dos governos satélites da América Latina. Naquela ocasião, a voz do representante do governo democrático da Guatemala, o chanceler Guillermo Toriello, apesar de solitária e isolada, desmascarava os pro-

jetos e propostas dos colonizadores americanos.

Os ianques julgaram de melhor aviso, adiar o trato das questões econômicas a fim de melhor se prepararem. Os acontecimentos posteriores revelaram brutalmente em que consistiam essencialmente esses preparativos americanos: intervenção armada na Guatemala, deposição de seu governo legal, implantação da ditadura terrorista de Castillo Armas e o golpe de 24 de agosto no Brasil com a eliminação física do seu presidente.

Política de «dureza» dos trustes

Depois desses golpes com que pretenderam intimidar e levar avante sua política de «dureza» na América Latina, os ianques vieram à Quitandinha com exigências total dos nossos países e riquezas aos monopólios de Wall Street. Essas exigências, como no caso das matérias-primas e produtos básicos, feriram os interesses

mesmo de alguns setores mais ligados aos trustes americanos. De outro lado, o crescimento das lutas pela emancipação nacional na América Latina, a crescente resistência dos povos aos dominadores ianques pesavam sobre a Conferência.

Nessas condições, manifestaram-se divergências sobre as quais caiu a negativa americana. Mas os representantes de governos de latifundiários e grandes capita-

listas, governos de traição a seus povos e dependentes dos americanos, não poderiam jamais observar uma firme posição de resistência. As divergências surgidas foram um eco da contradição existente entre os povos latino-americanos e os Estados Unidos. A Conferência deixou claro que os governos de latifundiários e grandes capitalistas são incapazes e impotentes para defender os interesses nacionais de seus países.

AS TESES DOS COLONIZADORES IANQUES

Diretamente ou por intermédio de seus líderes, os americanos fizeram valer em Quitandinha suas teses reacionárias, colonizadoras, inspiradas pelo ódio mortal aos povos.

1 — Há povo demais na América Latina. Essa tese criminosa do «excesso de população na América Latina» foi exposta pelo jornal de Eisenhower, o «New York Times» e repetida como um eco pelo chanceler mexicano Antonio Carrillo Flores. Compare-se as duas declarações:

— Do «New York Times»: «O desemprego é reflexo de um aumento verdadeiramente fenomenal da população, que poderá dar à América Latina, em fins deste século, tantas bocas para alimentar quantas as que a

China tem, isto é, cerca de 600 milhões». Em outras palavras: a população do Brasil e outros países latino-americanos está crescendo demais e por isso há fome, desemprego, dificuldades econômicas.

— Do sr. Carrillo Flores: «Os recursos públicos e privados que as economias americanas geram são insuficientes para manter um ritmo adequado de capitalização, sobretudo quando se tem em vista o alto índice do nosso crescimento demográfico». Em outras palavras: a população dos países latino-americanos cresce de tal forma que nossos recursos são insuficientes para mantê-la, faltam capitais.



No faustoso ambiente de Quitandinha os americanos fizeram sentir duramente a sua posição de credores ante uma assembleia de devedores submissos.

Essa teoria reacionária e estúpida serve aos colonizadores americanos: já que a população cresce, resta-nos somente a alternativa de morrer de fome ou abrir as portas à escravidão de Wall Street. Nossos povos repelem com indignação essa concepção de assassinos e escravocratas.

2 — A corrida armamentista é o melhor negócio. O conhecido incendiário de guerra, senador Willey, fazendo o «balanço» da Conferência, indicou como «exemplo concreto de boa vizinhança» que «a despesa de 40 bilhões de dólares anuais para a defesa nacional (orçamento de guerra americano) é também gasta para a defesa da América Latina e do mundo livre».

Essa tese dos incendiários de guerra tenta convencer em vão nossos povos de que a corrida aos armamentos a que se lançam os americanos é um fator de «segurança». Assim Quitandinha sacramentou a concepção criminosa de que devemos consentir na transformação de nossa economia e em apêndice da economia militarizada americana.

3 — Liberdade de ação para os trustes americanos. Em todas as oportunidades, os americanos fincaram pé no seu tema favorito da «livre iniciativa, contra a intervenção estatal». Essa tese volta-se diretamente contra a Petrobrás, exige a entrega de Volta Redonda, o controle total da Hidrelétrica de São Francisco pela Bond and Share. O governo de Washington exige o sinal verde, a completa liberdade de ação para os trustes ianques, a entrega total de nossas rique-

zas. Dessa forma as declarações oficiais dos ministros da Fazenda em Quitandinha significam um compromisso público de entreguismo e encerram graves perigos para nossos povos.

4 — Isenção de impostos para os americanos. Atrás do biombo da bitributação, outra bandeira entreguista, os ianques e seus lacaios pretendem obter isenção de impostos na América Latina, sob a alegação de que não podem pagar impostos duas vezes, uma no Brasil, por exemplo, outra nos Estados Unidos, quando retornam seus lucros fabulosos. Em Quitandinha, os americanos anunciaram um «projeto legislativo» atenuando impostos, fazendo concessões. Em compensação, exigem «acordos bilaterais», acordos sobre impostos em que pretendem até nos mostrar como, quanto e de quem se deve cobrar impostos. Assim querem controlar diretamente o aparelho fiscal dos países latino-americanos.

5 — América Latina, sociedade anônima ianque. Este slogan foi lançado em Quitandinha pelo próprio Eisenhower, em mensagem na qual declara que de «bons vizinhos» passamos a figurar como «bons sócios». Assim, os trustes ianques se declaram co-proprietários das nossas riquezas e territórios. Um sócio é o credor, o outro é o devedor. É uma sociedade anônima em que os americanos têm a maioria das ações. É a nova máscara da alienação da soberania nacional, da colonização americana a pretexto de «ajuda», «solidariedade», ou... «sociedade».

O papel de Gudin, porta-voz ianque

A imprensa da reação «trombeteou vitórias» da delegação brasileira. A delegação brasileira era só Gudin, que deteve o monopólio da representação do Brasil para a Bond and Share. O comércio, a indústria e a lavoura não foram ouvidos. Suas vitórias consistiram em transformar as divergências que surgiram em temas de «estudo».

Assim aconteceu com a questão do café. Um projeto de 15 delegações reclamava um convênio destinado a «reduzir apreciavelmente a amplitude das oscilações dos preços do café». Em suma, pediam-se medidas contra a política baixista americana dos preços do café, que tanto vem prejudicando o Brasil e demais países produtores. Os americanos vetaram o projeto e produziram o impasse.

Coube a Gudin «harmonizar» com uma emenda segundo a qual: 1) será feito um detido estudo da situação do café por uma comissão especial; 2) se esse estudo demonstrar a possibilidade de medidas de cooperação, submeterá sua proposta aos Estados membros da O.E.A., isto é, aos Estados Unidos.

Em poucas palavras — a questão do café ficou adiada para as calendas gregas. Assim agiu em Quitandinha o entreguista Gudin.

Atentado à independência nacional

A Conferência de Quitandinha custou ao Brasil 18 milhões de cruzeiros. Foi um «festival de palavras», como disseram nos corredores alguns delegados. Mas não é apenas isso que consiste o mal que representa para nossos povos. Ela representa mais um atentado à soberania do Brasil e demais povos latino-americanos, ela anuncia novos empréstimos escravizadores, renovadas investidas entreguistas e os preparativos para um assalto mais intenso às riquezas e aos frutos do trabalho de nossos povos.

Denunciando o caráter reacionário e colonizador da Conferência de Quitandinha, o Presidium do C. C. do P.C.B. dirigiu-se ao nosso povo proclamando-o «a reforçar o movimento pelo reatamento de relações com a União Soviética, com a República Popular da China e os países de democracia popular, a prosseguir na luta pela defesa do petróleo, pela defesa de nossas riquezas minerais, a lutar pela emancipação nacional, contra o imperialismo norte-americano, contra o governo de traição nacional do Café Filho».

O Presidium do C. C. do P.C.B. conclama a nação para que «tudo façamos pela defesa de nossa soberania e pela união dos povos da América Latina».



Fartos banquetes. Custou 18 milhões de dinheiro dos impostos pagos pelo povo brasileiro à Conferência de Quitandinha.